

Stadium

N.º 399 ★ 26 de Julho de 1950 ★ 2\$50



**URUGUAI E' CAMPEÃO DO MUNDO
E BRASIL E' O VENCIDO** — Maspoli, o
capitão do Urugual, sorridente e feliz,
no final do encontro, abraça Augusto,
capitão do Brasil, cuja expressão de tris-
teza diz bem o que lhe val na alma. Con-
trastes da luta!

PRINCIPIA A DISPUTAR-SE A 15.ª VOLTA A PORTUGAL

Recordam-se os vencedores das 14 provas anteriores

PRINCIPIA hoje, à noite, na pista do Estádio do Lima, com uma etapa contra-relógio, no percurso de 9.000 metros, a 15.ª Volta a Portugal. Dão-se, assim, as pedaladas iniciais da mais popular de quantas provas desportivas se disputam no nosso país. E, enquanto a fila multicolor dos ciclistas percorrer as estradas de norte a sul, Portugal inteiro vibrará de emoção com o esforço dos corredores.

A «Volta» é — e será sempre — a «Volta». A prova de mais contagiante entusiasmo, aquela que, caso curioso, tem o raro condão de interessar todos, a começar muitas vezes, pelos indiferentes, por aqueles que normalmente vivem arredados das coisas desportivas.

Jamais competição alguma, como a «Volta», interessou o país de lés-a-lés. Dos grandes centros às mais obscuras aldeias, todos seguem a marcha da corrida. E, seja nas praças e nas avenidas, ou nas estradas da serra, todos vêm ver passar os ciclistas — e os seus nomes andam de boca em boca.

A «Volta» galvaniza o país inteiro. Durante quinze dias, a popular competição é o motivo de todas as conversas. Arqueitam-se hipóteses. Vivem-se esperanças. Sofrem-se, quantas vezes, desilusões.

Mas, a «Volta» é sempre a «Volta».

Os seus vencedores adquirem, implicitamente, lugar de especial relevo no desporto português. Evocar os seus nomes é, sem dúvida, a melhor homenagem que lhes podemos dedicar. Evoque-mo-las, pois, a poucas horas do sinal para a partida da primeira etapa da «Volta» de 1950 — a décima quinta da série, que o «Diário do Norte», numa iniciativa ousada, organiza desta vez.

1827 — I «Volta»

Na I «Volta a Portugal», disputada em 1827, organizada pelo «Diário de Notícias» e «Os Sports», inscreveram-se 42 corredores. Completaram a prova, 27 e desistiram 15. O percurso foi dividido em 18 etapas e os concorrentes agrupados em três categorias: fortes, fracos e militares.

Os vencedores foram os seguintes: Fortes — António Augusto de Carvalho (G. S. Carcavelos), 70 h. 8 m. Fracos — António Marques (G. S. Carcavelos), 82 h. 27 m. 4 s. Militares — João Francisco (Telegrafistas de Campanha) 87 h. 16 m. 12 s. Vencedores das etapas: Quirino de Oliveira (Campo de Ourique), 8; António Augusto de Carvalho (G. S. Carcavelos), 5; Francisco Santos Almeida (Benfica), 4 e Manuel Nunes Abreu (Leixões S. C.), 1.

1931 — II «Volta»

Após quatro anos, a «Volta» teve, em 1931, a sua segunda edição, tal como a primeira levada a efeito pelo «Diário de Notícias» e «Os Sports». Dividida nas categorias de fortes e fracos, alinharam à partida 86 concorrentes.

Os vencedores foram os seguintes: Fortes — José Maria Nicolau (Benfica), 86 h. 48 m. 32 s. Fracos — Joaquim Esteves (Benfica), 89 h. 4 m. 32 s. Vencedores das etapas: José Maria Nicolau (Benfica) e João Francisco (Campo de Ourique), 7 cada um; Manuel Fernandes da Silva (Ermeziado), 2; João de Sousa (Sporting), António Augusto de Carvalho (G. S. Carcavelos) e Eduardo Santos (Benfica), 1 cada.

1932 — III «Volta»

Tal como a «Volta» de 1931 revelou um grande nome — José Maria Nicolau — a de 1932 trouxe ao primeiro plano o do seu maior rival: Alfredo Trindade. Com 52 corredores à partida, disputada nas categorias de fortes e fracos, dividida em 19 etapas, e organizada também pelo «Diário de Notícias» e «Os Sports», a III «Volta» forneceu os vencedores seguintes: Fortes — Alfredo Trindade (U. C. Rio de Janeiro), 91 h. 31 m. 38 s. Fracos — José Antunes Perna (Benfica), 96 h. 21 m. 5 s. Vencedores das etapas: José Maria Nicolau (Benfica), 12; Alfredo Trindade (U. C. Rio de Janeiro), 3; João de Sousa (Sporting), 2; Carlos Domingos Leal (Benfica) e Joaquim António Miguel Jorge (Benfica), 1 cada.

1933 — IV «Volta»

1933. Segunda vitória consecutiva de ALFREDO TRINDADE, agora em representação do Sporting Clube de Portugal, com o tempo de 88 h. 21 h. 34 s. Disputada apenas na categoria de independentes, a prova reuniu a inscrição de 43 corredores. O percurso foi dividido em 18 etapas e a organização voltou a estar a cargo do «Diário de Notícias» e «Os Sports». Vencedores das etapas: Alfredo Trindade (Sporting), 8; César Luís (Benfica), 3; Ezequiel Lino (Sporting) e João Francisco (Campo de Ourique), 2 cada um; Francisco Santos Duarte (Benfica), Valentim Afonso (Benfica) e Alves Barbosa (Figueira), 1 cada.

1934 — V «Volta»

Disputada por 60 estradistas independentes, a «Volta» de 1934 — levada a efeito pelo «Diário de Notícias» e por «Os Sports» — com o percurso dividido em 12 etapas, proporcionou novo e brilhante triunfo ao inconfundível campeão do Sport Lisboa e Benfica, JOSÉ MARIA NICOLAU, com o tempo de 66 h. 31 m. 18 s. Vencedores das etapas: José Maria Nicolau (Benfica), 3; Ildefonso Rodrigues (S. L. e Faro) e Joaquim Aguiar Martins (G. S. Carcavelos), 2 cada; Santos Duarte (Benfica), César Luís (Benfica), Ezequiel Lino (Sporting), Aguiar da Cunha (Benfica) e Filipe de Melo (G. S. Carcavelos), 1 cada.

1935 — VI «Volta»

Na VI «Volta», o triunfo pertenceu ao forte e resistente CÉSAR LUIS que, em representação do Velo Clube «Os Leões», de Ferreira do Alentejo, cobriu as 16 etapas no tempo total de 70 h. 6 m. 44 s. A «Volta» foi organizada pelo «Diário de Notícias» e «Os Sports». Partiram 56 corredores. César Luís, caso curioso, venceu apenas 2 das 16 etapas: a 8.ª (Portalegre-Fundão) e a 15.ª (Curia-Tomar). Filipe de Melo (G. S. Carcavelos) triunfou no «Prémio da Montanha». Vencedores das etapas: José Marquês (Campo de Ourique), 6; Filipe de Melo (G. S. Carcavelos), 3; Ezequiel Lino (Sporting), Ildefonso Rodrigues (Sporting) e César Luís (Velo Clube «Os Leões»), 2 cada; Cabrita Mealha (Louletano), 1.

1938 — VII «Volta»

Após dois anos sem «Volta» esta de novo se disputou em 1938, por iniciativa do «Diário de Notícias» e «Os Sports». Reunindo à partida 49 corredores, com o percurso dividido em 20 etapas, a VII «Volta» a Portugal revelou um grande corredor, seu vencedor incontestado, JOSÉ ALBUQUERQUE, o popular «Falcão» do Clube Atlético de Campo de Ourique, que totalizou 77 h. 58 m. 11 s. O triunfo desta particularidade: José Albuquerque venceu somente uma tirada: a 12.ª, Vila Real-Porto, num total de 138.600 metros, que cobriu em 4 h. 00 m. 58 s. Foi o suficiente... Vencedores das etapas: Ildefonso Rodrigues (Sporting), 5; Filipe de Melo (Sporting), 6; César Luís (G. D. da Cuf) e Joaquim de Sousa (Sporting) e José Albuquerque (Campo de Ourique), 1 cada.

1939 — VIII «Volta»

Organização do «Diário de Notícias» e de «Os Sports». A partida, 44 corredores, entre os quais três franceses — Renato Dassé, Rogério Pontet e Fernando Lesquillon — e três espanhóis — Demétrio Vicente, Bernardo de Castro e António Martin. O triunfo pertenceu a JOAQUIM FERNANDES, do Unidos Futebol Clube, em 80 h. 00 m. 31 s. Vencedores das etapas: Ildefonso Rodrigues (Sporting), 10; Aguiar da Cunha (Benfica), 6; Joaquim Fernandes (Unidos Futebol Clube), José de Albuquerque (Sporting) e Fernando Lesquillon (francês), 3 cada; Tílio Pereira (Sporting), 2; Renato Dassé (francês), Cabrita Mealha (Belenense), Joaquim de Sousa (Unidos Futebol Clube) e José Herdeiro (Ciclo-Turista Vilar, do Porto), 1 cada.

1940 — IX «Volta»

Organizada pelo Clube Atlético de Campo de Ourique, a «Volta» de 1940 reuniu a inscrição de 40 estradistas, compreendeu 16 etapas e permitiu que JOSÉ ALBUQUERQUE, o popular «Falcão», em representação do Sporting Clube de Portugal, repetisse o triunfo alcançado dois anos antes. «Tempo»: 69 h. 9 m. 27 s. Vencedores das etapas: João Lourenço (Sporting), 6; Luis Longo (Sporting), 3; José Albuquerque (Sporting), Eduardo Leal (Benfica) e Joaquim de Sousa (Campo de Ourique), 2 cada; Aguiar Martins (Benfica), 1.

1941 — X «Volta»

Trinta e seis corredores alinharam, no Porto, para a primeira tirada da X «Volta», organizada, tal como no ano anterior, pelo Clube Atlético de Campo de Ourique. Desta feita, a vitória pertenceu ao estradista leonino FRANCISCO INACIO que totalizou, ao cabo das 24 etapas, 74 h. 24 m. 51 s. Vencedores das etapas: João Lourenço (Sporting), 10; José Albuquerque (Sporting), 5; Francisco Inácio (Sporting), 3; Eduardo Lopes (Benfica) e Francisco Duarte (Sporting), 2 cada; José Martins (Benfica) e Baltazar Rocha (Campo de Ourique), 1 cada.

1946 — XI «Volta»

De novo organizada pelo «Diário de Notícias» e «Mundo Desportivo», a XI «Volta» reuniu a inscrição de 59 corredores, divididos nas categorias de independentes e amadores. Ao fim das 29 etapas apuraram-se os vencedores seguintes: Independentes — José Martins (Grupo Desportivo «A Iluminante»), 71 h. 49 m. 53 s. Amadores — Serafim Paulo (Grupo Desportivo Ligad), 73 h. 17 m. 21 s. Vencedores das etapas: Fernando Moreira (F. C. Porto), 11; Custódio dos Reis (Sporting), 4; José Martins («A

Iluminante»), 3; Onofre Tavares (F. C. Porto), Dries (A Iluminante), João Rebelo (Sporting) e João Lourenço (Sporting), 2 cada; Eduardo Lopes («A Iluminante»), Jorge Pereira («A Iluminante») e Império dos Santos (individual), 1 cada.

1947 — XII «Volta»

Levada a efeito, pela Comissão Administrativa da Secretaria do Sport Lisboa e Benfica, a XII «Volta» a Portugal reuniu a inscrição de 57 corredores, dos quais 18 desistiram. Disputadas as 17 etapas, JOSÉ MARTINS, do Benfica, foi o vencedor, com 72 h. 37 m. 33 s. Fernando Moreira, do F. C. Porto, conquistou o «Prémio da Montanha». Vencedores das etapas: Fernando Moreira (F. C. Porto), 5; João Lourenço (Sporting), 3; José Martins (Benfica) e Custódio Reis (Sporting), 2 cada; Eduardo Lopes (Sporting), Djillali (marroquino), Max André (Sporting), Guilherme Jacinto e Santos Gonçalves (Benfica), 1 cada.

1948 — XIII «Volta»

A XIII «Volta» a Portugal, organizada pela Federação Portuguesa de Ciclismo, com a colaboração das Associações de Ciclismo do Norte e do Sul, agrupou à partida 80 corredores, sendo o percurso dividido em 18 etapas. A glória de vencer tão importante competição coube, desta vez, ao estradista do F. C. Porto, FERNANDO MOREIRA, com 69 h. 13 m. 4 s. Vencedores das etapas: Jean Guegner (francês), 3; José Martins (Benfica), Délio Rodriguez (espanhol) e Império dos Santos (Benfica), 2 cada; Rodolfo Attilio (italiano), Fernando Moreira (F. C. Porto), João Rebelo (Benfica), Francis Graus (francês), Guilherme Jacinto (Benfica), Manuel Palmeiro (Ginásio de Távira), Maximiano Rola (Arroios), António Maria (Benfica) e Roger Chapin (francês), 1 cada.

1949 — XIV «Volta»

A «Volta» do ano passado, décima quarta da série, está ainda, pode dizer-se, na memória de todos. Disputada por doze equipas de clube, teve por vencedor outro corredor português — o grande estradista que é ANTÓNIO DIAS SANTOS, veloz representante do F. C. Porto. For equipas, classificaram-se nos três primeiros postos os clubes seguintes: 1.ª, F. C. Porto — António Dias Santos, Joaquim Sá e Lambertini. 2.ª, Sport Lisboa e Benfica — João Rebelo, Império Santos e José Martins. 3.ª, Sporting Clube de Portugal — Mário Fazio, Maximiano Rola e João Mourão.

A XV PRINCIPIA HOJE...

Dentro de poucas horas, os mais voluntariosos estradistas de Portugal lançam-se, na pista do Lima, à conquista da vitória. Todos partem animados da mesma fé, movidos pelo mesmo entusiasmo. Qual deles, no dia 13 do próximo mês, será proclamado vencedor? Qual deles irá juntar o seu nome aos dos vencedores das catorze corridas anteriores?

Nisso reside, precisamente, todo o interesse da «Volta», toda a sua expectativa, toda a sua emoção. Por ora, apenas, uma pergunta baila no cérebro de todos: quem vencerá a XV «Volta» a Portugal em bicicleta?

Série II — Ano VIII — N.º 399
Lisboa, 26 de Julho de 1950

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

—
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.ª
Telefone, 31187 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Os Campeonatos de Júniores

foram triunfal afirmação de progresso. Bateram-se
9 recordes nacionais e 3 recordes do Norte

QUEM sinta, como nós, paixão predilecta pelo atletismo, deve ter regressado do Estádio do Lumiar, nestes sábado e domingo, na euforia das aspirações realizadas.

Que magnifico conjunto de jovens atletas, em lutas empolgantes com resultados surpreendentes; entre-se em linha de conta com as condições de vida do atletismo português e admire-se, rendendo homenagem à verdade, o proficuo trabalho daqueles que têm a seu cargo a preparação desses novos praticantes. Nove recordes nacionais, dos dezoito que o programa comporta, foram melhorados; corridas houve em que os antigos mínimos foram batidos por três concorrentes e os representantes portugueses, apesar de não conseguirem vitórias melhoraram três marcas regionais e conquistaram postos honrosos que ficam a assinalar o seu brilhante comportamento. Porque esta presença efectiva dos juniores portugueses nos nacionais da categoria, foi das notas mais salientes do torneio; ficamos-lhes devendo, o que há largos anos não sucedia, uns autênticos Nacionais e não uma réplica dos Regionais lisboetas.

A média de pontuação finlandesa para as marcas dos campees das corridas, sempre o nosso capítulo mais forte, foi de 742 p.; de 693 p. para os saltos, pela influência desvalorizadora da péssima marca com a vara e impossível de calcular para os lançamentos, mas devendo orçar pelos 600 pontos. Reconhecamos que é excelente, mesmo para quem olhe através dos negros óculos do pessimismo nacional.

Os 100 e os 200 m. foram ganhos por Carlos Graça em 11,1 s. (novo recorde) e 23,1 s.; trata-se de um velocista nato, descontraído, que deve primar a tempo devido nas distâncias superiores. Nomes a citar: Nunes, Figueira, Ambrósio.

Os 400 m. foram a mais fraca corrida; Figueira venceu em 53,4 s., seguido por Coutinho, 53,5 s. e Mealha 53,8 s.; a especialidade é muito difficil e não podem exigir-se de novos praticantes, proezas de experimentados. Mealha está fatigado em relação à sua forma dos principiantes; mas que energia de aço puro! Na estafeta, por duas vezes julgamos que ia cair e de ambas se refez.

Os 800 m. entusiasmarão o público; pela autoridade vencedora de Adelino Monteiro (2 m. 2,4 s., novo recorde) e pela perseguição rigorosa do português Chaves (2 m. 3,9 s., novo recorde do Norte); a citar ainda os belenenses Guedes e Gonçalves, este com excelente final mas ainda frágil.

Jones Fernandes ganhou os 1500 m. em tempo recorde, 4 m. 17,8 s., a melhor marca da época. Os seus immediatos, Coutinho e

Guedes desceram também o antigo mínimo e o português Alves, 6.º classificado, bateu o recorde do Norte. Será com estes elementos que começaremos a compensação da nossa tradicional inferioridade em meio-fundo?

Os 5000 m. provaram nítida superioridade de Faria, 16 m. 15,2 s. e o bom tempoamento do português Alves, 2.º classificado com 16 m. 26,1 s., novo recorde do Norte. Estes e o pequeno Simões, são os nomes a reter. Cairam os dois recordes das barreiras; Lourenço desceu o dos 110 m. para 15,9 s. e Carneira o dos 300 m. para 41,2 s., ambos com provas de especialistas confirmados, do melhor destes tão bons campeonatos.

Citam-se também Carlos Cunha, que a seu tempo provará quanto vale e Eugénio Lopes, frágil mas enérgico e habilidoso.

Os saltos foram bons e maus; inferior o salto com vara, onde Durão ficou nos 3^m,10 e os outros nada fizeram; apreciável a altura, com Noronha Feio no seu 1^m,75, Baptista, pouco feliz e Ramos em 1^m,70; muito bons, o comprimento (Ponce, 6^m,875, novo recorde, Lopes 6^m,78 e Ramos 6^m,66) e o triplo (Mendes 13^m,79, novo recorde; Pignateli, 13^m,55, Lopes 13^m,48 e Ramos 13^m,42). Todos os saltadores de comprimento e triplo precisam de corrigir o lançamento anterior final das pernas, com o qual — por insuficiência, perdem preciosos centímetros.

Para se julgar do valor destas marcas, saiba-se que estes quatro triplo-saltadores entram à frente do décimo resultado português absoluto.

Nos lançamentos destacou-se Albuquerque, senhor de três títulos (peso, 13^m,52; disco, 36,05 e martelo, 51^m,115) e dois recordes (peso e martelo); a destacar ainda Calça e Pina, vencedor no dardo com 47^m,77, Francisco Marques, José Reis, Cabral, Mano e Vaz.

O Sporting obteve nova e retumbante vitória colectiva: 147 p., contra 93 do Benfica, 48 do Belenenses, 39 do Académico, 37 do Colégio Militar e 22 do F. C. Porto.

Títulos: 9 para o Sporting, 5 para o Benfica, 3 para o Colégio e 1 para o Belenenses.

Conjuntamente disputou-se o decatlo nacional; ausentes Matos Fernandes, Alcide, Alvaro Dias, a prova nada significou.

Venceu Eduardo Cunha, com 4642 p. e perdeu Miguel Andrade com 4339 p.; não havia mais concorrentes.

Artur Dias tentou o recorde dos 500 m.; sem companheiros que o ajudassem, com vento forte na pista, ficou a dois décimos da marca: 1 m. 7,3 s.; continuamos afirmando que numa tentativa organizada com método, alcançará o que ambiciona e merece.

SALAZAR CARREIRA

VAI AO BRASIL UMA EQUIPA PORTUGUESA chefiada pelo major Correia Barrento

PELA primeira vez na história do hipismo nacional vai ser enviada ao Brasil uma equipa representativa da cavalaria portuguesa.

Já há muito tempo que os brasileiros, conhecedores do valor dos nossos cavaleiros e das tradições do nosso hipismo, desejavam tornar possível a participação de uma equipa lusitana no seu mais importante Concurso.

O convite foi agora dirigido à Federação Equestre Portuguesa, que o apresentou à apreciação do sr. tenente-coronel Santos Costa, titular da pasta da Guerra, o qual encarregou o major Correia Barrento, delegado da equipa e de seleccionar os elementos com que a mesma será formada.

Os trabalhos de selecção foram já iniciados, mas como há também necessidade de enviar a Bilbao uma equipa portuguesa e os dois Concursos se realizam em datas que quase coincidem, foi deliberado apurar um grupo de oito cavaleiros e dezasseis cavalos para, depois do Concurso do Porto, se resolver em definitivo quais os que se deslocarão ao Brasil e a Bilbao.

Assim, foram chamados à selecção os capitães Fernando Pais, com «Mondego» e «Gaza»; José Carvalhosa, com «Mondina» e «Estemido»; Fernando Cavaleiro, com «Mongua» e «Favorito»; Rhodés Sérgio, com «Castiço» e «Flama»; Henrique Calado, com «Caramulo» e «Faraó»; Rangel de Almeida, com «Fébus» e «Rama»; Joviano Ramos, com «Furacão» e «Vouga».

Possivelmente o outro elemento será o eng.º Castro Pereira, que montará «Hopefull Don» e «Bruno».

O major Correia Barrento chefiará, como dissemos, a equipa

que vai ao Brasil e ali montará o «Raso», e o major Helder Martins a de Bilbao, montando «Optus».

A comparticipação de uma equipa portuguesa no Concurso Hípico Internacional do Rio de Janeiro está ali sendo aguardada com vivo e justificado interesse, devendo constituir o principal atractivo do certame.

Para os nossos cavaleiros é muito vantajosa a ida ao Rio para ali terem um novo contacto internacional, diferente daqueles



a que já estão habituados, tanto mais que, segundo se diz, haverá bastantes equipas estrangeiras no Concurso brasileiro.

Após o certame do Porto serão designados os cavaleiros que irão ao Brasil visto depender da sua actuação na capital do Norte a possibilidade de constituir os dois agrupamentos.

ANTAS TEIXEIRA

DANCING
DE LUXO

ARCADIA

VARIEDADES às 0,30 e 2,15

Estreou-se com êxito a cancionista e bailarina

ANA MARIA

Grande sucesso do

Ballet MONTENEGRO

Viviane Lis — Julita Manjon — Herm. Goyescas — Charito Moreno — Mary Mely — Perla Levante — Adoracion Reyes Herm. Baron — Mary Arilla

DUAS ORQUESTRAS
Nocturnos e Arcádia

PUGILISMO PROFISSIONAL



Sob a vigilância atenta de Serafim Cardoso, Martins pratica no punching bell



Boa fase do combate com Boderode, já em dificuldade, defendendo um ataque do campeão português



As Irmãs Meireles, artistas bem conhecidas, agora na Rádio Globo, do Rio de Janeiro, vibram de entusiasmo durante a pugna em que o barcelense derrotou o campeão brasileiro

A situação do boxe nacional e as vitórias de Guilherme Martins contra jogadores brasileiros

A situação do pugilismo profissional português não se compreende à primeira vista e parece paradoxal ao profano.

O público aprecia os espectáculos, existem praticantes com razoáveis aptidões para garantir a continuidade do boxe, os melhores elementos, quando se deslocam para outras latitudes, revelam possibilidades superiores às que se supunham e, no entanto, a modalidade atravessa a mais devastadora crise de todos os tempos.

Chega a parecer inconcebível esta inactividade forçada a que foram votados os profissionais do ringue. Vítimas inocentes de uma orgânica antiquada, destituída de capacidade para promover o progresso e a continuidade do desporto do boxe, muitos desses rapazes encontram-se inactivos, há dois anos, tudo se conjugando para os eliminar em definitivo da sua carreira profissional.

Será o boxe um desporto nefando? Ou são as condições actuais simplesmente proibitivas do seu desenvolvimento?

Encontramo-nos numa encurilhada sem apelo, que só se resolverá pela boa vontade dos que podem compreender a situação, e resolvê-la acertadamente.

Não faltam velhas e já tradicionais dedicações pela modalidade. Aproveitem-se, pondo de remissa os falsos apóstolos de uma causa falida e integre-se o profissionalismo na organização superior a que deve ser adstrito.

É este o primeiro passo, necessário e imprescindível.

Depois, reduzam-se os pesados encargos dos organizadores, que na actualidade impossibilitam as mais ousadas tentativas, tornando-as estéréis. O restante renascerá das próprias cinzas — que já são quase extintas.

O único elemento activo do pugilismo português teve de emigrar para o Brasil, onde se encontra ainda.

Foi uma resolução ousada mas frutuosa, a de Guilherme Martins, campeão nacional de «médios» e peso-«semi-médios» natural, cujas vitórias têm vindo a lume nas nossas colunas.

O jogador barcelense, formado na escola prática do ex-Estádio Mayer, pelas suas qualidades intrínsecas, de arreganho e adaptação, fez-se um bom praticante. Não admira, pois, o louvável comportamento do nosso compatriota, contra vários adversários brasileiros e argentinos.

Sob a direcção cuidada de Serafim Cardoso e animado pela exuberante colónia lusa, no grande

e auspicioso Brasil, Guilherme está prestando um excelente serviço de propaganda nacionalista — no bom sentido da palavra.

Menos pelos resultados obtidos, aliás de iniludível mérito, que pela elegância e compostura dos mesmos, o campeão de Portugal, pode estimular, dentro e fora das fronteiras, o desenvolvimento do boxe, dando-lhe o indispensável prestígio.

Martins tem sido agasalhado principescamente pelos portugueses de Além-Mar e pela população brasileira. O público aplaude as suas demonstrações de técnica, desportividade e modéstia, conforme os críticos têm sublinhado com justa elegância de termos, e assim se têm irmanado no mesmo côro de louvores, cariocas e paulistas.

Não se pode prever até que ponto a permanência de Martins o conduzirá, nem se o esperam outros êxitos ou se reveses o aguardam. O importante, para o momento actual, são os resultados financeiros de parçaria com os triunfos morais já conseguidos, e, isso, é um magnífico e agradável prognóstico.

RAFAEL BARRADAS



Depois do banquete oferecido a Joe Louis, por ocasião da sua passagem por S. Paulo, reuniram-se fraternalmente, o campeão chileno Artur Godoy, Martins e o jornalista Lauro Bastos, redactor do «Diário da Noite»

ACTUAÇÃO DO ORIENTAL EM FUTEBOL

A fusão dos clubes, quando bem cimentada pela comunhão de ideais e pelos esforços conjugados, trará logicamente a decantada força da união.

O Clube Oriental de Lisboa foi feliz na sua tentativa de reunir sob a mesma bandeira os desportistas de três clubes dos laboriosos bairros do Poço de Bispo e Marvila.

Os benefícios dessa fusão transpareceram imediatamente. O novo clube ganhou personalidade. Impôs-se pela dedicação admirável da sua massa associativa, pelo desenvolvimento da sua obra social e desportiva, e pela ambição, aliás legítima, dos seus projectos e aspirações.

Um grande clube no seu bairro — é o desejo que palpita no coração de todo o «orientalista». E também uma ideia em marcha radiosa e triunfante.

* * *

No campo desportivo, a fusão trouxe ao Oriental uma vantagem imediata: matéria prima fértil, embora modesta, para formar o escol de atletas que havia de representar o clube.

Em matéria de futebol, os «orientalistas» acalentaram desde o primeiro momento a esperança da sua equipa ascender à Divisão de Honra.

Tarefa difícil, na realidade, porque os concorrentes com idênticas aspirações e possibilidades são muitos, e porque os seus dirigentes quiseram seguir sempre o firme propósito de não depender dinheiro para a aquisição de jogadores.

Nestas condições, contando apenas com a força de vontade dos seus atletas e o apoio moral tão caloroso dos seus adeptos, o Oriental tem desenvolvido admirável e persistente esforço para a concretização desse objectivo. Até à época de 1947/48, a equipa não conseguiu chegar à fase final do Torneio da II Divisão não obstante a luta árdua e valerosa que sempre desenvolveu.

Em 1948/49, o Oriental passou as malhas dos torneios eliminatórios para chegar à «poule» decisiva cotado como um dos favoritos. E quando tudo parecia indicar que o novel clube viria a obter um belo triunfo, ganhando o Campeonato da II Divisão com ingresso automático no seio dos Grandes, surge um incidente deplorável que reduziu a nada todo o esforço dispendido. A equipa foi arredada da competição, mas a vontade tornou-se mais forte ainda.

Novo torneio surgiu — e de novo se lançaram na brecha, dispostos a ganharem a partida por mérito próprio, de forma inuldivel.

A primeira fase do Campeonato foi transposta sem derrota alguma, cedendo um único empate.

Na segunda fase, a luta endureceu, mas o Oriental conseguiu tornar o obstáculo. E ei-lo de novo no torneio quadrangular das grandes decisões.

Mas estava escrito que o

— 21 vitórias e 3 empates em 27 jogos —
significa uma percentagem de pontuação superior a 80%.

O CAMINHO e a entrada na Primeira Divisão

Oriental havia de ascender à Primeira Divisão... A derrota no seu próprio campo, infligida por um dos favoritos da prova, foi um golpe mortal nas aspirações dos «orientalistas».

O Oriental perdeu o primeiro lugar, mas conseguiu agarrar-se desesperadamente ao segundo degrau da tabela, que lhe facultaria a «chance» derradeira.

O onze do C. O. L. seguiu para Santarém — o campo indigitado para o jogo de passagem — com excelente moral.

O que foi de lutar di-lo o próprio resultado: 4-3. Quis o des-

tino que o adversário fosse também um novel clube, produto de fusão como o Oriental: O «Elvas». Apesar de figurarem na equipa elvense nomes famosos como o de Patalino, Massano e Quaresma, o vencedor foi outro, de nomes menos cotados, talvez, mas formando um conjunto homogêneo e animado de indômita vontade de triunfar nesta derradeira provação.

O Oriental venceu — conquistando finalmente o almejado ingresso na «Categoria dos Grandes». Uma etapa importante da obra fôra concluída com êxito.

* * *

Para se avaliar do esforço que é necessário para atingir a Divisão de Honra do futebol português, temos a tabela dos resultados do Oriental para atestá-lo.

| | J | V | E | D | G |
|---------------------|----|----|---|---|-------|
| Fase regional | 14 | 13 | 1 | — | 69-17 |
| Fase intermédia ... | 6 | 4 | 1 | 1 | 21-5 |
| Fase final | 6 | 3 | 1 | 2 | 27-14 |
| Jogo de Passagem... | 1 | 1 | — | — | 4-2 |

Total... 27 21 3 3 121-83

O ANDEBOL NO ORIENTAL



O grupo Juniores A de andebol do Oriental, campeão de Lisboa e de Portugal, com os jogadores suplentes e os dirigentes da Secção

O Oriental é dos clubes de Lisboa que há mais tempo praticam o andebol: desde a sua fundação, em 1947, mas já muitos anos antes, desde 1935 pela presença de um dos seus antepassados, o Marvilense Futebol Clube.

Ingressando nesse ano na II Divisão, o Marvilense ascendeu em 1937 à Divisão superior e aí tem conservado sempre o seu lugar, demonstrando pela modalidade um interesse bem digno de ser posto em realce.

Não é exagerado afirmar que o Oriental é a agremiação de Lisboa que mais tem cuidado da formação de jogadores em escola própria, concorrendo desde 1944, com uma ou duas equipas ao torneio regional de juniores, onde sempre se firmou no 2.º posto até conquistar o campeonato nas quatro últimas temporadas.

Em 1948 e 1950 coroaram os jovens orientalistas a sua excelente campanha, assenhoreando-se com brio do título nacional da categoria.

Assim, criteriosamente orientada, a secção de andebol do Oriental apresenta-se-nos com as melhores possibilidades de progresso seguro, sem necessidade de recorrer a outro recrutamento que não seja o da sua própria massa juvenil, o que é bastante meritório e digno de aplauso.

As suas equipas são já, ao presente, adversários sempre difíceis e as honrosas classificações por elas obtidas nos campeonatos regionais certificam-no com nitidez. Mas está, com firmeza, no caminho do triunfo, que lhe será tanto mais grato, quanto é verdade que os seus dirigentes poderão gloriar-se de o haverem construído sem auxílio estranho.

São números que falam com eloquência. Vinte e uma vitórias e três empates em 27 jogos significa uma percentagem de pontuação superior a 80%!

A superioridade do Oriental no torneio regional, e depois na «poule» seguinte com as melhores equipas de Setúbal, não sofre contestação. Nesses jogos marcou nada menos de 90 golos contra 22 sofridos!

A totalidade, ao cabo de 27 desafios (40 horas de jogo!) de 121 golos contra 38 — simplesmente espantoso! — Leitão, com 23; Mário Vicente, 13 e França 11.

E realmente digna de nota a proeza do jovem José Manuel Pina, que se revelou como um «artilheiro» de grandes recursos.

Pina, que vai fazer no próximo mês 22 anos, joga a extremo-esquerda da equipa — o que valoriza mais ainda a sua actuação como marcador de bolas — e é um produto 100% «orientalista», pois iniciou-se nos «juniores» do Oriental.

1.ª fase — Pina 18; Leitão 16 e França 8.

2.ª fase — Pina 6; Mário Vicente 4 e Leitão 3.

Fase final — Pina 13; Leitão 4; Alvarinho 4.

No conjunto dos 27 jogos, os melhores marcadores foram Pina, com 39 golos, — simplesmente espantoso! — Leitão, com 23; Mário Vicente, 13 e França 11.

E realmente digna de nota a proeza do jovem José Manuel Pina, que se revelou como um «artilheiro» de grandes recursos.

Pina, que vai fazer no próximo mês 22 anos, joga a extremo-esquerda da equipa — o que valoriza mais ainda a sua actuação como marcador de bolas — e é um produto 100% «orientalista», pois iniciou-se nos «juniores» do Oriental.

Completamos este artigo com a indicação dos melhores resultados conseguidos pelo sub-campeão da II Divisão nesta época: 10-1 contra Ac. Viseu; 9-2 contra Arroios; 8-1 contra Alhandra; 7-0 contra Montemor; 7-1 contra Barreirense; 6-0 contra Operário e Cuf Barr. e 6-1 contra F. Benfica, Palmense e Casa-Pia.

Todavia, apesar da escassa margem, julgamos que a vitória mais grata para os «orientalistas» foi a dos 4-3, da tarde de 4 de Junho, em Santarém!...

Vinícola Fonseca, L.^{da}

VINHOS E SEUS DERIVADOS

ARMAZEM E ESCRITÓRIO:

25, Rua da Manutenção, 27
XABREGAS

— Telefone 39 260
LISBOA

DIAS & MARQUES, LDA.

SERRAÇÃO E CARPINTARIA MECANICA

Madeiras nacionais e estrangeiras e outros materiais de construção

Officina
R. Particular (à R. de Marvila, 4)

Residência
Quinta Marquês de Abrantes, 128

Poço do Bispo

— LISBOA

MOURA & COSTA, L.^{DA}

Officina de Tanoaria

Rua do Telhal, 57
Poço do Bispo

— Telefone 39 031
LISBOA

— A MASCOTE —

DE JOSÉ MATEUS

Gêneros alimentícios de 1.^a qualidade. Especialidade em chá e café. Manteigas finas de Avanca. Vinhos do Porto, abafados e de pasto. Azéites finos e carnes fumadas recebido das melhores procedências. Preços sem competência

1-A, Beco dos Toucinheiros, 2 e 3 — Telef. 27579 — Extensão 3

PADARIA

“A CAMPONEZA”, L.^{DA}

Rua Vale Formoso de Cima, 107

M. CARDOSO, L.^{DA}

Drogas, perfumarias, ferragens, materiais de construção

Vendas por grosso e a retalho

R. Zófimo Pedraso, 37 a 40 (P. do Bispo) Telef. 39 172 — LISBOA

Casa Minhota e o Retiro Oriental

de ANTONIO DA SILVA MARTINS

Mercearia e Loijas — Capelista e Calçado — Vinhos e Petiscos

Rua José Patrocínio, 23 e 25 (ao Poço do Bispo)

FÁBRICA DE MALHAS

Serra Nevada, L.^{da}

Rua Direita de Marvila, 52-1.^o

Telefone 39-287

LISBOA

António Custódio Guerra

SERRALHARIA

Rua Direita de Marvila, 64

LISBOA

SAPATARIA E CHAPELARIA POPULAR

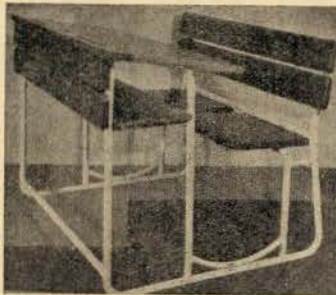
Grande variedade de modelos para senhora,
homem e criança

TEODORICO DA SILVA

Rua Direita de Marvila, 6 (ao Poço do Bispo)

Telefone 39 257

METALMOVEIS, L.^{DA}



Mobiliário
metálico para
Clínicas, Escrí-
tórios, Escolas
e Esplanadas

FÁBRICA

Rua Gualdim Pais, M. V.

XABREGAS

Oriental Metalurgica de Lisboa

de MONTEIRO & RIBEIROS, L.^{DA}

Serralharia mecânica e civil, fundição de metais
Executam-se todos os trabalhos de construção
civil com a máxima perfeição e rapidez

Soldadura a Autogénio e Electrogénio

Estrada de Chelas, 63 (Quinta da Raposeira)

— L I S B O A —

Cooperativa dos Operários Tanoeiros de Lisboa

Fundada em 11-4-933

Officina de Tanoaria e Serração Mecânica

Executa todos os trabalhos para Vinhos e seus derivados,
Azeites e produtos químicos sólidos

Escritório e Oficina:

Rua Vale Formoso de Baixo, 31 (ao Poço do Bispo)
(Quinta da Atouguia)

Telefone 39-266

LISBOA

C. Vinhas, L.^{da}

Exportadores

Vinhos Licorosos (Extremadura)
Vinhos de Mesa, Aguardentes, Azeite

Escritório e Armazem:

105, RUA DO AÇUCAR, 107

Telefones: 39-360 39-361

Telegramas: TELHEPA

LISBOA

PORTUGAL

TER UM ESTÁDIO!

eis a grande aspiração do

O R I E N T A L

ERA uma vez três clubes... Todos do lado oriental da cidade. O Chelas, o Marvilense e o Fósforos. Viviam com dificuldades e um por um, embora os seus esforços fossem simpáticos, não caminhavam, não progrediam como seria para desejar — e eles desejavam.

Havia entre eles certa rivalidade. A rivalidade, afinal, de vizinhos, com as suas tricas e mexeriques!

Um dia alguém pensou na fusão das três colectividades. A ideia era esta: em vez de três grupos fracos, um grupo forte. Mas a ideia encontrou sérios obstáculos. Parecia, mesmo, impossível que se concretizasse. Os idealistas, porém, perseveraram. E venceram. O Oriental nasceu... nasceu robusto! Acarinhado por todos, não tardou a impor-se. E na última temporada de desportos de inverno a posição do clube atingiu brilho. Finalista do campeonato de juniores da A. F. L., batido pelo Benfica ao terceiro jogo; segundo na II Divisão, conquistando, num desafio memorável, em Santarém, o ingresso na I Divisão; campeão nacional de juniores de andebol.

A entrada na I Divisão criou-lhe maiores responsabilidades. O clube prepara-se, todavia, para as enfrentar com o maior entusiasmo e galhardia. Com a consciência firme das suas vastas possibilidades, alardeadas ainda na prática de alguns desportos de verão.

Tendo atingido, em futebol, a culminância, o ponto mais alto, o Oriental não está todavia, satisfeito. Compreendemos que assim seja. Falta-lhe o estádio, prometido, é certo. Mas de promessas está o Mundo cheio!... A sua gente, cada vez mais numerosa e sempre entusiástica, só tem, por agora, essa aspiração máxima — o estádio!

A população orientalista, onde há nomes de vulto — Dr. Acácio Barreiros, Penetra Rodrigues, uma revelação; Rui de Seixas, Mário Marques; Jaime António; — está lançada no seu movimento mais belo. As comissões de rua, as comissões de pastas,

todos trabalham sem um desfalecimento, a sonharem com o estádio. Terão de o fazer, talvez, no local onde hoje está o campo Eng. Carlos Salema. É essa, cremos, a orientação actual.

O clube já dispõe de algum dinheiro, arrancando — aliás, sem constrangimento — a gente humilde dos bairros que alimentam e dão força ao Oriental. Isso não chega, evidentemente. É preciso muito mais. Torna-se indispensável que as entidades oficiais auxiliem os orientalistas — dando-lhes facilidades e dinheiro... Só as primeiras, sendo muito, não chegam.

No dia em que o estádio do Oriental seja um facto — que pulo enorme o clube dará! E não temos dúvida em prever que o estádio será um facto, ainda que o clube o venha a fazer sozinho. Que isso não sucederá, cremos.

Se presentemente este Oriental é já uma força, provocando belas receitas, pois arrasta sempre consigo milhares de entusiastas — até inválidos! — imagine-se o que será quando dispuser de instalações capazes, à altura da sua já enorme pujança...

O estádio é, pois, a aspiração maior do Oriental. Relega para segundo plano tudo o mais, que muito é: a necessidade de uma equipa forte, correspondendo à subida de Divisão; a manutenção de outras modalidades; a instalação de uma Delegação em Chelas, etc., etc.... etc.!

Temos acompanhado o clube em todas as suas iniciativas. Acompanhamo-lo num transe doloroso da sua vida, vítima de maus amigos, de amigos dos Diabos! Conhecemos a tenacidade, a energia, a fé dos orientalistas. Não temos, por isso, a menor dúvida em afirmar que — vencerá!



Rádio Eléctrica de Xabregas
Montagens completas de Luz, Rádio e Fôrça.
Construção e reparação de amplificadores de som e aparelhos de cinema.
— Secção de Perfumaria —
Rua de Xabregas, 22 — LISBOA

O Ténis de Mesa NA VIDA DO CLUBE

DO ténis de mesa pode dizer-se que encontrou no Clube Oriental de Lisboa o campo mais propício para a sua germinação. Com efeito, desde que o clube se dedicou à prática oficial da modalidade, nunca mais deixou de conhecer a senda do progresso. A carreira dos tenistas de mesa do C. O. L. tem de considerar-se das mais brilhantes dos clubes lisboetas. Não é única. Mas não é vulgar. Em cada época os jogadores conquistaram um título de campeão de Lisboa. Primeiro na Promoção, depois na II Divisão, depois, ainda, na 1.ª. E esse comportamento brilhante foi coroado com a subida de Divisão. Carreira ascensional mais rápida não se poderia exigir.

A entrada na Divisão de Honra para competir com os mais categorizados está ao alcance dos orientalistas no momento em que estas linhas são escritas. Estamos em vésperas dos jogos de passagem à Divisão de Honra em que o adversário será o simpático Grupo Dramático e Escolar «Os Combatentes». E não é temeridade acreditar nas possibilidades da equipa do Oriental.

A popularidade do ténis de mesa dentro do nosso clube é in-

comparável. Tornou-se já hábito registarem-se as maiores enchentes de que a modalidade pode gabar-se. A massa associativa sente decidida predilecção pelo ténis de mesa e os representantes do clube correspondem da melhor maneira. E nos torneios particulares, quando é dado ensejo de medir forças com os mais fortes agrupamentos o entusiasmo cresce de modo invulgar. O Oriental é sempre adversário de infundir respeito, bastando lembrar o comportamento da equipa na primeira «edição» do torneio em que o Mirantense fez disputar a taça Eng.º José Frederico Ulrich e ainda recentemente da taça «Campeões do Mundo» (uma organização do Monte Pedral) em que o Oriental eliminou os Belesenses.

Gumerzindo Alfar, Mário Monteiro e José Cabrita são as figuras mais representativas do ténis de mesa dentro do nosso clube. A eles se deve a posição de relevo já alcançada pelo Oriental dentro da modalidade. A dedicação dos dirigentes da Secção tem sido outro contributo de valia para o progresso de que todos os bons orientalistas podem orgulhar-se.

ARMANDO MASSAS

OFICINA DE FUNDIÇÃO

Trabalhos de arte, Metal fino, Bronze, Cobre, Metal branco, Alumínio, etc.
Rua Francisco Lázaro, 6 (Pateo Vila Graça, E) LISBOA

PANIFICAÇÃO MARVILENSE, L.ª

Fabrico esmerado de Pão pelos processos mais modernos do País

Rua de Marvila, 90 a 100 Telefone 39 274 LISBOA

PREFIRA OS VINHOS DE MESA

VALBELO



À VENDA EM TODOS OS ESTABELECIMENTOS

PEDIDOS A
CALDEIRA, L.ª
TELEF. 39-179
LISBOA

Os licôres
CALDEIRA
pela sua
superior qualidade são os
preferidos

Mais uma Industria Nacional!



OXIGÉNIO **ACETILENE**
CARBONETO DE CÁLCIO
e Todo o material para soldadura

Unica Sociedade Portuguesa no género que oferece aos seus Ex.^{mos} Clientes, maiores facilidades no transporte dos seus produtos

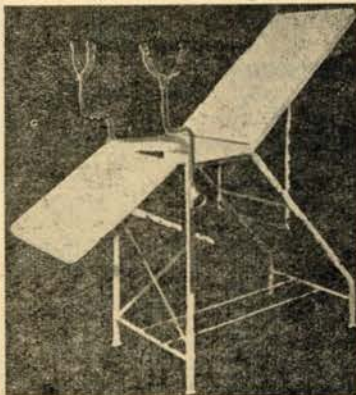
Avenida Infante D Henrique — CABO RUIVO — Tel 39-105

Joaquim Rodrigues Gomes

BARBEIRO

Rua Direita de Marvila, 23

LISBOA



METALMOVEIS,
LIMITADA

Mobiliário metálico
para
Clínicas, Escritórios,
Escolas, Esplanadas

FÁBRICA:

Rua Gualdim Pais, M. V
XABREGAS

TELEFONE 39-048

Joaquim de Sousa Silvestre

Tanoaria Mecânica

Rua Direita de Marvila, 52

(Pátio do Batista)

LISBOA



O MELHOR
VINHO
DE MESA

Busa Imperial,
LIMITADA

Rua do Telhal, 53-55 (ao Poço do Bispo)

Telefone 39089

LISBOA

V. Ex.^{as} não sabem?

Então tomem nota:

Quem melhor paga todas as qualidades de peles em bruto, curte, tinge com brilho em todas as cores, especialidades em cobras e crocodilos é a

FÁBRICA DE PELARIAS «ANGLIA»

Curte e tinge por químico e técnica com o diploma internacional de corte

Fábrica no POÇO DO BISPO telefone 39-157

de ANTONIO AUGUSTO TELES

Rua José Patricio A. N.

LISBOA

ELECTRICA LEVANTINA

Telefon: 39-219 — P. E. D.

MATERIAL ELÉCTRICO PARA TODAS AS APLICAÇÕES

Candieiros de teto e de mesa — Ferros de engomar — Lanternas de Algebeira — Aparelhos de T. S. F. — Equipamentos eléctricos para automóveis, etc.

OFICINA DE REPARAÇÕES — BOBINAGENS

Agente oficial da Philips

RUA DO GRILO, 15 - 17 - 19

LISBOA

End. Teleg.: «PERMIRA»

P. B. X.

Telefone 39 286

PERSIO, L.^{DA}

CORTIÇAS E SEUS DERIVADOS

Escritório: Praça David Leandro da Silva, 28, 1.º

Fábrica: Rua José Patrocínio, A. N. — Poço do Bispo

LISBOA



A chegada emocionante dos 100 metros! Carlos Graça, (Sporting) é o primeiro, no tempo de 11,1 s. seguido de Júlio Nunes (Sporting), e Pinto Almeida (Benfica).



José Figueiredo (Benfica) corta em primeiro lugar o fio da chegada na prova dos 400 metros, logo seguido de Coutinho, (Sporting).

ATLETISMO CAMPEONATOS NACIONAIS DE JUNIORES



1 — Os representantes do Académico, do Porto, que concorreram aos campeonatos.



2 — Os atletas do F. C. do Porto que vieram à pista do Sporting disputar os campeonatos nacionais.



3 — Depois de efectuadas as provas! Os atletas do Sporting vencedores do campeonato nacional, acompanhados do seu treinador, Moniz Pereira.



Também o Bairro de Inglaterra compareceu nos campeonatos. Uma nota simpática.



Os nadadores juniores tiveram comportamento brilhante na Travessia do Tejo. Além do vencedor, o esperançoso Fernando Madeira, apresentamos, também, Eduardo Barbeiro que alcançou um honroso terceiro lugar.

Os problemas da Comissão de Arbitragens no Campeonato do Mundo

O árbitro Vieira da Costa e outros foram prejudicados sem razão plausível

Especial para «STADIUM», de Candelas Alvarez

O IV Campeonato Mundial trouxe mais uma vez à ribalta os problemas de arbitragem.

Não problemas técnicos, propriamente ditos, porque isso seria quase inadmissível depois da escolha dos juizes que actuariam no Brasil, e das reuniões realizadas em Londres e aqui no Rio de Janeiro durante as quais foram assentados não só os moldes definitivos em que as mesmas deveriam ser realizadas, como ainda a interpretação a dar a certas faltas.

Vinte e quatro foram os juizes indicados e norma geral, pensou-se que a cada um, seria dada a incumbência da direcção de um encontro. Mas logo de principio se viu coisa absolutamente diferente. O Brasil fez empenho em ter como juizes só árbitros ingleses e a própria Comissão de Arbitragens tomou partido e impôs a sua vontade consoante o desejo dos «mandões».

Reader, Ellis e Griffiths da Inglaterra, Galleati e Datillo da Itália, Van der Meer da Holanda, Alberto da Gama Maecher e Mário Viana do Brasil passaram a ser os mais beneficiados, porque na direcção da Comissão de Arbitragens, encontraram-se três senhores que tudo lo mandam, Stanley Rous, inglês, S. S. Lotzy, holandês e Mauro, italiano.

Pedro Escartin por muito imparcial que quisesse ser, nada podia contra o resto dos chefões, e o resultado é que de tantos referes que foram designados para o Campeonato Mundial, 60% limitaram o seu trabalho ao serviço de juizes de linha. Ora isto

que para muitos poderá parecer normal, não o é para nós, nem tão pouco para os apitadores internacionais postos à margem e cujo seu maior desejo seria o de verem por merecimento próprio, o seu nome positivamente ligado à IV Copa Jules Rimet.

Vieira da Costa, o árbitro internacional português está no rol referido. E com justiça terçamos armas pela sua causa. Por duas vezes esteve o nosso categorizado juiz indicado para dirigir encontros, e por duas vezes também ele foi afastado. Suíça - México e Espanha - Suécia eram os matches que lhe estavam destinados. Mas na Comissão de Arbitragens existiam os srs. Lotzy e Mauro que entravaram sempre a sua designação em benefício de Galleati e Van der Meer. Como prémio de consolidação foi-lhe dado servir como juiz nos encontros Brasil-Jugoslávia e Brasil-Espanha. Neste último vamos mais longe. O trabalho foi bem preparado. Pedro Escartin e os próprios dirigentes espanhóis haviam-nos afirmado que por sua vontade Vieira da Costa seria o homem indicado para arbitrar os encontros em que nuestros hermanos intervissem. Particularmente mesmo, Escartin, depois de por nossa livre vontade, lhe termos verberado o esquecimento a que Vieira da Costa tinha sido votado por parte da Comissão de Arbitragens, disse-nos que envidaria todos os esforços para que o Espanha-Suécia ou Espanha-Uruguai fosse por ele dirigido. E de facto o referee português rece-

beu na terça-feira antecedente um officio para se apresentar na C. B. D. na sexta-feira, às 10 horas, quando seriam dados a conhecer os nomes dos dirigentes das duas partidas finais.

Mas o sr. Lotzy resolveu fazer impor o nome do seu compatriota Van der Meer e apoiado pelo seu colega Mauro levou a melhor. E Vieira da Costa quase foi ainda admoestado por motivo de ter ao seu lado quem, desejasse vê-lo demonstrar as suas qualidades como árbitro, que o é — por direito próprio.

São afinal as injustiças que o desporto por vezes proporciona. Mas injustiças que não têm razão de existir e contra as quais protestamos. Englobamos nesse protesto não só o nome de Vieira da Costa como o de Delasale, Beranek e outros de reconhecida probidade técnica que abertamente declararam aguardar somente o regresso aos seus países para contarem a verdade. Os três magnates da Comissão de Arbitragens, muito especialmente o signor Mauro foram os ditadores do IV Campeonato Mundial de Futebol.

Se o campeonato tivesse sido resumido a três ou quatro jogos, não estaríamos aqui levantando uma questão. Mas ao verificarmos que houve juizes arbitrando dois e três encontros e que até um suplente (Datillo) foi designado para dirigir uma partida em manifesto prejuizo de outros considerados efectivos, não podemos calar o noso sentir.

E ele fica expresso leal e sinceramente.

mente despertados para a necessidade de se enquadrarem na dura realidade de que quem vinha lá era o Uruguai, bravura e classe nestes momentos decisivos.

«Infelizmente não me foi possível conter a onda de optimismo que invadiu São Januário. Não houve compreensão dos visitantes — gente do interior, caravanas imensas de torcedores, de políticos, cada qual falando mais alto em «campeões do Mundo». Um desastre! Um perigo! No fim eu tive de me desdobrar para fugir e dar fuga àquela invasão: Tive — imaginem voçes de recolher lenços com alusões aos campeões do Mundo de 1950 como se em futebol se pudessem ganhar na véspera.

«Ao contrário do que sucedia connosco, os uruguayos lutavam para tirar proveito de todas as situações. Qualquer bola que sobrava do nosso lado ou no lado deles primeiro apareciam os uruguayos para disputá-la. Parecia que estávamos pregados ao chão. Parecia que não tínhamos pernas. Parecia que não tínhamos sangue. Bigode! Que é que caracteriza mais Bigode? Bravura. Poder de antecipação. Coragem física e moral. No entanto ele não parecia estar vivendo aquele momento de vida ou de morte para o futebol brasileiro.

«Tudo parece um sonho. Parece um pesadelo.

— Não nos sentimos no direito de comentar as declarações do mais renomado técnico brasileiro. No entanto quere-nos parecer que Flávio Costa não olha bem de frente os erros cometidos. As suas declarações se por vezes, nos dão ideia de consistência, outras, porém, dão-nos a certeza de uma pretenção justificação para um descalabro total que nem ele próprio esperava. A própria imprensa tem também a sua quota-parte no sucedido. Ela mais que os próprios

TEMOS a grande satisfação de anunciar que a Fábrica dos Produtos Wander, depois de dificuldades de toda a espécie resultantes da última guerra se encontra já em plena laboração, tendo voltado novamente a marcar a sua presença nas mais importantes competições desportivas internacionais tais como:

Jogos Olímpicos de Londres e de St. Moritz, Volta à França e Volta à Suíça em bicicleta e em outras competições, restaurando as condições físicas dos competidores com o seu famoso produto «OVOMALTINE».

Também no nosso País e acompanhando já a XV Volta a Portugal em bicicleta, que vai ter início hoje, «OVOMALTINE» vai permitir aos ciclistas concorrentes a obtenção de uma maior resistência com menor dispêndio de energias.

“Stadium”

publicará no próximo número uma grande reportagem fotográfica da Volta a Portugal

torcedores que visitaram São Januário é culpada pela subestimação dos adversários. E a provar as nossas afirmações aqui vai:

— No domingo 16 do corrente, como habitualmente, saíu pela manhã a revista «Noite Ilustrada», cujo número desta vez era dedicado unicamente e exclusivamente à seleção do Brasil e ao Campeonato Mundial de Futebol.

No artigo intitulado «HISTÓRIA EM QUADROS DA MAIOR CONCENTRAÇÃO ESPORTIVA» lemos um parágrafo intitulado: «Os campeões do Mundo». Já quase no fim do artigo foi com exatidão que deparámos com os seguintes dizeres: (Note o leitor que o jornal saiu às 7 horas da manhã e o encontro entre o Brasil e o Uruguai realizava-se às 15 horas).

«Três grandes adversários teríamos pela frente: Suécia, Espanha e Uruguai. Sucedeu no entanto que o «steam» brasileiro tinha atingido a sua forma absoluta, com todas as suas linhas tendendo o máximo. Veio o jogo com a Suécia e ganhámos de forma arrasadora.

Contra a Espanha, que era outro adversário respeitável, aconteceu a mesma coisa: vencemos por larga margem e fazendo alarde de um conjunto digno dos maiores elogios. Finalmente tivemos que enfrentar os nossos adversários tradicionais: os uruguayos, e pedámos pelo último obstáculo galbardemente. Nossa tripla foi árdua feita de suor e lágrimas. Nos momentos decisivos foram vários os jogadores contundidos e outros demoraram a atingir o apogeu da forma. No entanto tivemos o senso de recuperação e subimos rasgir no momento oportuno para conquistar o título invidiável de «CAMPEÕES DO MUNDO».

Ora quando é a própria imprensa quem ainda antes do galo cantar já apregoa a vitória, que se poderá esperar do torcedor que chega do interior e que somente vem acompanhando os jogos do Campeonato Mundial através da rádio! Querá querer que responda, pois que a nossa missão é informar e não criticar. A verdade no entanto é uma só: O Brasil teve a faca e o queijo na mão mas não o soube cortar...

CANDELAS ALVAREZ

AS DECLARAÇÕES DO TÉCNICO FLÁVIO COSTA, FEITAS À IMPRENSA

TODA a imprensa do Rio de Janeiro dedica hoje a maioria dos seus artigos ao imprevisto resultado da Copa do Mundo. O arrastado de lamentações é tão grande que quase nos convencemos de que a derrota do Brasil foi considerada como uma quebra de prestígio internacional, ou até um facto que fere a própria nacionalidade. Ontem, após o encontro, nas ruas que convergem com o Colosso de Maracanã, homens e mulheres choravam copiosamente como se tivessem perdido um ente muito querido. Os milhares de confetes com que seria feito o «carnaval» da vitória era lançado na vaivém. Cabibaxios, quais assistentes de uma trágica sem precedentes, recolhiam a suas casas sem proferir palavra. Uma tristeza imensa se apoderara daqueles milhares de «torcedores» que haviam ido ao Estádio Mendes de Moraes somente para ver a sua selecção ganhar. E os improperios contra jogadores e seleccionador fervilhavam. Ontem eram os «melhores do Mundo». Hoje eram para todos eles, os «piores». Ninguém queria compreender verdadeiramente que o desporto traz destas surpresas. O futebol brasileiro morrera para eles.

Flávio Costa, que antes fugira às reportagens, hoje, já mais calmo, resolveu atender a todos. Na nossa frente o jornal «O Globo». Uma manchete com o título: «A amargura do técnico: — «A DERROTA NÃO É SÓ MINHA» —

É DE TODO O BRASIL» O título fóra perdido na véspera...

Não resistimos à tentação de, com a devida vénia, transcrever na íntegra as suas declarações:

«Quem perdeu a batalha não foi Flávio Costa, o homem exposto, o homem para o qual se voltam todos os indicadores, todos os olhares. Não, não fui eu só, foi todo o Brasil. Se houve uma desgraça é esta.

«Parece já um velho afrorismo, mas velho ou não, eis que ele sempre se renova: toda glória tem seu preço, seu sacrificio, seu lado claro e seu lado negro. Nós vínhamos de uma campanha brilhante. Tão brilhante que nem passos despercebidos aos estrangeiros. Tão convincente que foi por todos eles decantada e enaltecida. Havia uma grande escada a subir e nós a subimos, penosa e trabalhosa — até que atingimos o último degrau. Mas lá no alto achava-se justamente a quem mais temia: o Uruguai. Os celestes não tiveram o mesmo trabalho. Não enfrentaram os mesmos obstáculos. Eles tiveram uma tarefa menos pesada, mas quiz o destino e o dedo dos homens que eles chegassem com menos esforço ao climax. E aí tornava-se mister encará-los como grandes jogadores que são.

«Houve de facto uma preparação psicológica para a batalha. Nós não nos descuidamos um minuto sequer do «perigo à vista». Os jogadores não eram diá-

Flagrantes

TRIUNFO DE UMA EQUIPA MODESTA, MAS VALOROSA...

MUITO mais do que de beleza panorâmica, o que o desporto necessita é de sólida organização. A sentença é um lugar comum — bem o sei. Mas nem por isso deixa de ser necessário lembrá-la quando no Mundo os decretos são o pão nosso de cada dia.

O Campeonato do Mundo que acaba de disputar-se no Rio de Janeiro forneceu a tal respeito, exemplos de tomo.

Os italianos, de tão grande passado no futebol mundial, parecem ser, com ingleses e uruguaios, os menos impressionados com as consequências do torneio. Os uruguaios, porque ganharam, até tiveram o direito de cantar «Vivam as Olimpíadas» — cântico de glória às façanhas desportivas das gentes da sua pátria. Mas ficou patente que nem os leves desaires que os tolheram inicialmente tiveram repercussão de maior... Os italianos e os ingleses, tão cedo arredados da verdadeira competição, regressaram calados — embora com razões diferentes.

Os italianos, perdida em desastre recente e inesquecível a fina flor do seu futebol, não terão ido ao Brasil com outros propósitos que não fossem o de fazer a melhor figura possível.

Os ingleses, com justificado valor para marcar posição elevada, se não de primeiríssimo plano, viram as suas esperanças totalmente perdidas pelas derrotas com a Espanha e, especialmente, com os Estados Unidos. Mas o futebol inglês não caiu — como não havia subido demasiadamente. As provações haviam sido guardadas e permanecem intactas como o tempo haverá de provar. Os italianos regressam ao trabalho e, porque valem, cedo lhes aparecerá a oportunidade para restabelecerem o prestígio que sempre tiveram.

Os espanhóis e os brasileiros foram os que mais sofreram. O Brasil, então sofreu o mais rude golpe que poderia esperar-se com a derrota que os actuais campeões do Mundo lhes infligiram a poucos minutos do fim do jogo que parecia vir a ser o da sua consagração definitiva no desporto mundial.

Os espanhóis tiveram uma época de grande fulgor no futebol europeu, mas, de há anos a esta parte, têm vivido em sobresalto permanente. A habilidade incontestável dos seus praticantes não corresponde a existência de uma equipa nacional de valor semelhante às de outras épocas. Quer dizer: a classe do futebol espanhol não se afirma através da sua equipa nacional.

Na sua recente viagem ao Brasil houve um momento em que parecia vir a dar-se o inesperado. E foi um deslumbamento. Os cronistas espanhóis anteviram

uma cena extraordinária com Madrid a arder em luz — que seria de festa nacional. Mas logo os brasileiros lhes aplicaram machadada tão mortal que até a Suécia, até aí em plano de menos evidência, ousou bater o grupo espanhol — agora irreconhecível e com o seu orgulho desfeito em pó.

Da derrota que atingiu o futebol brasileiro há-de falar-se durante muito mais tempo e devem causar enorme eco as suas consequências mais próximas. Como é de esperar, Flávio Costa irá pagar tudo ou quase tudo do que sucedeu à equipa do Brasil.

Não conheço Flávio Costa, nem sequer de vista. Ouvi há dias, a colega amigo, que Flávio Costa não é nada o técnico que todos julgam ser, tendo, como tem, à sua guarda, uma equipa à qual se atribui valor para vencer uma prova como a que vem de disputar-se. Mas tenha ou não tenha valor para o lugar que exerce, a sua derrota teria que ser um facto mesmo que no Brasil não tivesse substituto. A culpa de toda aquela beleza panorâmica que dá ao futebol brasileiro um valor que ficou provado não existir — cabe a Flávio Costa!

A culpa dos desaires estrondosos que atingiram a equipa espanhola, na parte final do torneio do Rio de Janeiro — cabe ao seleccionador espanhol.

No fundo — escassês de valor de qualquer das duas equipas representativas.

E enquanto os italianos e os ingleses voltaram para os seus países para continuar na mesma senda de trabalho sério que lhes há-de dar sempre, repouso e tranqüilidade de consciência, os espanhóis e os brasileiros vão agora perder muito tempo em discutir como tudo lhes sucedeu — mas dificilmente atinarão com a verdadeira causa quanto mais com a solução.

Ainda bem que a representação portuguesa se privou de aparecer no formosíssimo estádio do Rio de Janeiro.

Em questões de falta de organização desportiva devemos ser os primeiros e é de prever, portanto, o que iria por aí se lá tivéssemos ido. Os uruguaios, esses, nem chegaram ao Rio com grandes presunções nem se ouviram. Chegaram modestamente, não atraíram atenções de maior, a crítica não teve vista para reconhecer neles os vencedores. Só eles, pela solidez do seu valor, acreditaram na capacidade do seu futebol.

E parece que, com quatro campeonatos, os actuais Campeões do Mundo já demonstraram que é perigoso não pensar no que eles poderão valer em torneios futuros.

MARIO SANTOS

BASQUETEBOL

O Futebol Clube do Porto

venceu com brilho o CAMPEONATO
NACIONAL da II DIVISÃO

TERMINOU a última prova oficial da temporada — o Campeonato Nacional da II Divisão. E pode, realmente, afirmar-se que a época fechou bem: com uma final que oferecia fartos motivos de agrado, que chamou ao pequeno campo do Fluvial elevada assistência e que constituiu, em suma, bom espectáculo desportivo.

O prelúdio derradeiro apresentava-se como verdadeiro ponto de interrogação. Ambas as turmas — Sporting e F. C. Porto — haviam tido comportamento brilhante no decorrer da competição. O Sporting, campeão de 1949, tinha, acima de tudo, um título a defender. O F. C. Porto, por seu turno, além de jogar no seu ambiente, apresentava-se com o moral fortalecido pela sua recente vitória — nas meias-finais — sobre o Olivais de Coimbra, equipa indiscutivelmente valiosa.

Em última análise, lisboetas e nortenhos apresentavam-se suficientemente apetrechados para fornecerem bom espectáculo — e forneceram-no, realmente, encerrando muito bem a temporada de 1950.

Energicos e voluntariosos, os «leões» principiam da melhor maneira, entrando deliberadamente ao ataque e comandando a partida durante metade do primeiro tempo. No entanto, os nortenhos não se inferiorizaram. Reagiram. Ordenaram o seu jogo e encontraram a sua toada. O F. C. Porto pôde, assim, atingir o intervalo na posição de vencedor, ainda que pela diferença mínima: 19-18.

No segundo tempo, os portugueses comandaram sempre o marcador a despeito da réplica sempre pronta dos lisboetas. Ainda que extremamente difícil, a vitória do F. C. Porto, por 38-28, secici-se sem esforço.

Acima de tudo, há, realmente, a salien-

tar a craveira que o encontro atingiu como espectáculo. Encontro emotivo e vibrante, autêntica final, o prelúdio derradeiro do Campeonato Nacional da II Divisão foi fecho condigno dum torneio que, dadas as suas características peculiares, interessa sempre, e movimenta a modalidade em várias regiões.

Terminada a temporada de 1950, verifica-se, pois, que os dois títulos nacionais em disputa, o da I e o da II Divisão, foram, respectivamente, para Coimbra e Porto, centros que continuam, assim, a dar valioso contributo ao desporto da bola ao cesto. E, não pode, em boa verdade, contestar-se a legitimidade desses triunfos.

E agora — o defeso...

As competições basquetistas conhecem agora — durante o mês de Agosto — merecido repouso. Os jogadores, por certo, já ansiavam por ele. E, nos primeiros dias de Setembro, teremos o primeiro torneio lisboeta — a taça «José Dias Pereira».

Entretanto, e conforme já é do conhecimento dos nossos leitores, a Associação de Lisboa estuda um largo plano com vista a movimentar a modalidade na capital, tentando reviver certos aspectos — o do basquete feminino, por exemplo — cuidando do seu aperfeiçoamento técnico, numa palavra, tentando o progresso da modalidade que dirige.

No entanto, um problema fundamental parece persistir: o das instalações. E, de facto, ao encerrarmos a actividade de 1950, um voto aqui desejamos deixar expresso: o de que no próximo ano, o Pavilhão dos Desportos possa ser utilizado com regularidade, pois só assim o basquetebol lisboeta pode aspirar ao progresso e ao nível técnico que amplemente merece.

PORTUGAL-ESPAÑA EM ATLETISMO

CONFRONTOS

Os resultados de Espanha
representam uma indicação...

Os resultados dos campeonatos de Espanha de atletismo, que se disputaram na passada semana em Burgos, dão-nos uma primeira possibilidade de apreciação das forças adversárias no próximo encontro internacional entre os atletas ibéricos.

Se os números fossem sempre a exacta representação da verdade, as conclusões não nos seriam muito desfavoráveis; acreditamos, porém, que o atletismo espanhol vale mais do que os seus recentes campeonatos indicam, em cujos resultados podem ter influido circunstâncias várias, como por exemplo a condição da pista.

Analizem os prezados leitores a lista seguinte de resultados dos campeões e subcampeões, para depois os comentarmos em comum:

100 metros: 10,9 e 11,2 s.; 200 metros, 22,8 e 23,3 s.; 400 m. 51,3 e 51,9 s.; 800 m., 1m. 59 s. 2 m. 0,2 s.; 1500 m., 4 m. 7,1 s. e 4 m. 10 s.; 5000 m., 15 m. 25 s. e 16 m. 5 s.; 10000 m. 32 m. 30,3 s. e 32 m. 57,7 s.; 3000 m. obstáculos, 9 m. 52 s. e 10 m. 5 s.; 110 m. barreiras, 15,5 e 15,8 s.; 400 m. barreiras, 55,7 e

57,4 s.; altura, 1^m,87 e 1^m,77; vara, 3^m,60 e 3^m, 45; comprimento, 6^m,45 e 6^m,43; triplo, 13^m,22 e 13^m,17; peso, 13^m,26 e 12^m, 65; disco, 42^m,84 e 38^m,64; dardo, 52^m, 43 e 48^m,49; martelo, 43^m,63 e 39^m,01.

Se confrontarmos estas marcas com os resultados já obtidos na época corrente em Portugal, ponderando que aos seniores ainda não foi pedido o armamento de competições oficiais, a impressão é animadora. Se a impressão corresponde à realidade, isso é outro caso; não nos deixemos embalar com ilusões.

Entretanto, os técnicos federativos vão organizando três vezes por semana provas de apuramento, que em regra não apuram nada. Os atletas não se empregam a fundo ou não comparecem e os ensinamentos colhidos são assim falseados; não há possibilidade de apuramento exacto sem o exame de competições oficiais e alguns atletas deviam ser intimados (não esqueçamos que se trata de representação nacional) a comparecer e a preparar-se, sob pena das sanções que a lei permite aplicar, pois de antemão se sabe que são insubstituíveis.



O golo que ditou a derrota do Brasil. Augusto e Schiaffino observam a bola tocando as malhas

as
últimas
imagens
do

4.º

CAMPEONATO DO MUNDO DE FUTEBOL



Antes do memorável encontro entre Brasil e Uruguai, os capitães das duas seleções, Augusto e Varela trocam lembranças, enquanto Mr. Reader sorridente assiste e senhores da Rádio Globo e Maxink Votpa transmitem através dos rádios portáteis.



A sr.ª embaixatriz do Uruguai ladeada por individualidades, sorri satisfeita com a re-conquista da Taça «Jules Rimet».



Eis o momento em que Obdulio Varela recebia das mãos do sr. Jules Rimet o famoso troféu que tem o seu nome. De notar a expressão de tristeza do sr. Mario Pollo, presidente da Confederação Brasileira de Desportos.



Maspoli defende, Ademir já se encontrava pronto para intervir.



O único golo do Brasil, obra de Friaça, quem é ao fundo.

URUGUAI. 2
BRASIL . . 1

●

SUÉCIA . . 3
ESPAÑA . 1



Um tiro de Zarra que Svensson desvia para «corner».



A defesa uruguaia anula um ataque brasileiro que Ademir se aprestava para concluir. Maspoli, todavia, está atento.



Maspoli desvia para canto um tiro de Zizinho. Na foto aparecem ainda, Tejera, Ademir, Gonzalez, Jair, o árbitro Mr. Reader e Obdulio Varela.



O terceiro golo da Suécia. Eizaguirre, no chão, já impotente para defender, enquanto Alonso ainda tenta interceptar.



Hernandez luta com a defesa sueca

FALA GIGHIA

O HOMEM QUE GANHOU O Campeonato do Mundo

A nossa reportagem tinha interesse em ouvir o hoje «famoso» extremo-direito do Uruguai, Gighia, marcador do golo que deu à «celeste olimpica» o título de bicampeão mundial de futebol.

Aproveitamos para isso a recepção dada na embaixada do Uruguai aos seus «campeões» para de viva voz ouvirmos o «homem do dia» que deitou por terra as ilusões do Brasil.

Depois de nos dizer que nunca na sua vida de desportista havia tido um momento tão feliz, comentamos o golo que na opinião da crítica foi mais consentido por Barbosa que propriamente por mérito do jogador uruguai. Diga-se de passagem que também nós enfileiramos nessa opinião por acharmos que do ângulo em que a bola foi pontapeada, somente com a falta do guarda-brasileiro seria possível a concretização do tento.

Diz no entanto Gighia:

— Quando me livreli da marcação de Bigode, corri junto à linha lateral e infiltrei-me, tendo visto entretanto que Miguez me acompanhava entrando pelo centro. Vi então Barbosa sair da rede, julgando talvez que tal como da primeira vez, quando Schiaffino marcou o golo do empate, que eu ia atrazar a bola para o meu companheiro. Mas naquele instante, notei uma brecha e confiei na sorte atirando. Quando a bola passou por Barbosa e tocou as malhas senti que era a vitória. Futebol é isto mesmo. Vencemos um grande adversário e isso nos deixou loucos de contentamento.

Aproveitamos a oportunidade para ouvir Júlio Perez o interior-direito que foi uma das maiores figuras em campo e que nos disse:

— Nunca tive um encontro tão difícil. Que jogo, Deus meu! Até agora ainda me julgo sonhando. O Brasil tem uma grande selecção.

Condições de assinatura

Pagamento adiantado

| | |
|--------------------|---------|
| Custo por número . | 2\$50 |
| 3 meses | 32\$50 |
| 6 meses | 65\$00 |
| 12 meses | 130\$00 |

EMÍDIO PINTO

O MELHOR "KEEPER" PORTUGUÊS DE HOQUEI EM PATINS DE SEMPRE DIGNO ÉMULO DE ADRIÃO

que por duas vezes defendeu as balizas do Resto contra os campeões britânicos

ESTA «questão» aparentemente simples (que nos trás agora à liça por mera curiosidade, mas, também, como esclarecimento definitivo) ainda não foi suficientemente debatida... nem sequer apontada. Eis a pergunta: — Qual terá sido o melhor Keeper português de hóquei em patins de sempre? EMÍDIO (considerado actualmente o n.º 1 do Mundo) ou ADRIÃO — que há 15 anos era de igual modo o primeiro?! Quanto a mim — as maneiras de actuar eram e são inteiramente diferentes e até de certo modo antagónicas — a «túvida» (se acaso a houvesse...) não persiste mais; e voto sem a mais ligeira hesitação em EMÍDIO. De resto, a simples consulta aos números, que vamos expor, é bastante clara para se chegar a tal conclusão; e isto, bem entendido, sem menosprezo pela extraordinária classe de Adrião, o real precursor no difícil papel da defesa das balizas... de qualquer modo e feito, sem atalpações, com rudeza às vezes e até cometendo faltas propositadas, «para ganhar tempo», fludindo assim a vigilância dos árbitros e mesmo a premente vontade dos adversários em o hater!

António Adão, que foi também um grande jogador e ao presente, é abalizado cronista da especialidade, disse, acerca daquele aspecto, na revista PATIM: «...o Adrião possuía todos os requisitos que devem existir num guarda-redes de real valor. Além de tudo o mais ele era um jogador possante. Em jogadas confusas — às vezes era ele próprio que provocava a confusão! — mas em que a bola chegava a entrar, ele lá tinha a mágica arte de levantar a baliza em peso, e, com isto, sem que o árbitro visse, conseguia fazer esgueirar a bola para fora como numa extração sem dor... Outras vezes, se a avançada, por exemplo, vinha pela direita, o Adrião não estava cá com mais aquelas, mandava uma bordoadá com o calcanhar no poste do lado contrário ao do ataque; e a bola (está-se mesmo a ver) nunca podia entrar... Fernando Adício, que nasceu por a lugar, foi, sem dúvida, um guarda-redes espantoso, e, possivelmente, o mais completo que conhecemos... até hoje». Quanto a Emídio Pinto, escreveu Raúl Cartaxo, um técnico estudioso da modalidade, na mesma publicação, o seguinte: «...o guarda-redes português adopta um estilo que reputamos de difícil adaptação a outros atletas, que não sejam dotados de características idênticas às de Emídio: extraordinária facilidade e notável destreza no uso dos membros inferiores, quando em postura de grande flexão, que lhe permitem defender bolas dirigidas aos ângulos superiores, que a outros só é possível fazê-lo com os membros superiores. Esta invulgar facilidade, aliada ao excelente uso das mãos, aos reflexos rapidísimos, à muita atenção e à felina aguidade com que se desloca na baliza, são os predicados essenciais em que se baseia o seu estilo, a sua maneira, que, digamos, pouco se assemelha ao sistema clássico.» Estas duas criteriosas opiniões dão clarissimamente a ideia perfeita do modo de agir dos

dois guarda-redes em questão. Ambos muitíssimo bons: um (Adrião) possivelmente menos espectacular mas um verdadeiro mestre... no tempo em que se jogava quase «au ralenti»; outro (Emídio) sem dúvida mais ágil e com maiores cuidados — sem truques, impossíveis na actualidade, porque o jogo, agora, é feito à base da rapidez — na defesa da baliza e até no seguimento da acção de companheiros e adversários.

Não pode nem deve pôr-se em paralelo a categoria de um e do outro: especialmente porque os estilos são diferentes, conforme se anota acima, e muito mais pela qualidade do hóquei praticado no tempo antigo e hoje: as características são também inteiramente diferentes, e, em consequência, aí está a dificuldade maior, quíçá a quase impossibilidade ou impraticabilidade de estabelecer confrontos. Mas (a avaliar pela força dos números) Emídio dá melhor a ideia de ser superior — nem que seja um pouquinho... — ao seu não menos valoroso concorrente. Por isso (e então figura já na comparação, mas, evidentemente, em plano secundário, outro guarda-redes: Cipriano Santos) atente-se bem no explicativo e suficientemente esclarecedor quadro que elaboramos para o efeito. Através dele — pela diferença em jogos realizados e golos consentidos — pode avaliar-se com mais exactidão (até no confronto das médias respectivas) da actividade e valia de cada um. A tabela a compulsar é a seguinte:

| | ADRIÃO (1926-39) | | CIPRIANO (1945-48) | | EMÍDIO (1948-50) | |
|------------------|---------------------|-----|-----------------------|----|---------------------|----|
| | J. | G. | J. | G. | J. | G. |
| Contra: | | | | | | |
| Alemanha . . . | 7 | 17 | — | — | 2 | 2 |
| Bélgica | 7 | 7 | 4 | 7 | 5 | 7 |
| Egipto | — | — | — | — | 2 | — |
| Espanha | — | — | 3 | 9 | 5 | 6 |
| França | 7 | 20 | 3 | 5 | 5 | 6 |
| França (B) . . . | — | — | 1 | 1 | — | — |
| Holanda | — | — | — | — | 3 | 1 |
| Ingllaterra . . | 7 | 28 | 2 | 5 | 4 | 4 |
| Itália | 6 | 20 | 3 | 4 | 5 | 8 |
| Itália (B) . . . | — | — | 1 | 5 | — | — |
| Suíça | 7 | 8 | 4 | 7 | 5 | 10 |
| Totais | 44 | 100 | 21 | 41 | 36 | 44 |
| Médias | 2,439 | | 1,954 | | 1,25 | |

Quer dizer: — a média registada a Emídio é a mais baixa, logo, a melhor dos três, em relação a jogos e golos. Com menos cinco desfalcos do que Adrião e mais 17 do que Cipriano, conta, o que é importantíssimo, menos 56 golos em relação aos de Adrião e apenas mais três do que Cipriano. Há, porém, ainda melhor: — é que, nos seus 36 encontros, EMÍDIO NÃO CONSENTIU GOLOS EM 10; enquanto Adrião tem somente 7 em que não foi batido e Cipriano dois. E então, logicamente, as médias sofrem imediatas modificações: para muitíssimo melhor em Emídio (1.691) relativamente a Cipriano (2.157) e Adrião (2.941). A diferença entre os dois «maiorais» é notável: nada menos do que 1.25. Convém citar, para esclarecimento completo, as partidas em que qualquer deles não sofreu golo.

Temos: Emídio — contra Bélgica (na estreita: 10-0), Egipto, França e Holanda (1948), Suíça (1949), Egipto, Espanha, França, Holanda e Inglaterra (1950); Adrião — contra Bélgica, França e Suíça (1936), Bélgica e França (1937), França (1938) e Suíça (1939); Cipriano — contra Bélgica e Inglaterra (1947). Acrescenta-se a isto que Emídio, no ano da sua estreia (1948) em Montreux apenas sofreu oito golos, em igual número de jogos, quatro dos quais dois suíços, dois dos ingleses (na única derrota) e um de espanhol e outro dos italianos. E mais ainda (para fechar deste estudo) antem-se os golos consentidos, por anos de actividade em partidas internacionais, com a designação, entre parentesis, dos jogos disputados. Veja-se: Adrião — 14 (5) em 1930; 22 (6) em 1931; 19 (5) em 1932; 10 (6) em 1936; 9 (6) em 1937; 11 (6) em 1938; e 15 (7) em 1939. Cipriano — 1 (1) em 1945; 12 (6) em 1946; 20 (12) em 1947; e 8 (2) em 1948. Emídio — 8 (8) em 1948; 21 (12) em 1949; e 15 (16) em 1950.

Portanto, consoante a própria expressão dos números anotados, que são um indicativo poderoso no capítulo estatístico, chega-se facilmente a uma conclusão: Emídio Pinto é o melhor guarda-redes de hóquei em patins de sempre! Não só em Portugal — como até no Mundo... ou na Europa, se quisermos circunscrever apenas o espaço do continente europeu, pois faltam elementos de avaliação, quanto a outros países não-europeus, além do Egipto. E provado está, mesmo, pela sua eleição como o melhor no recente campeonato de Milão, e antes, até, em Lisboa e Montreux. Mas é conveniente não olvidar, também, que muitos anos atrás já Adrião como tal tinha sido considerado — e escolhido (por duas vezes) para alinhar na equipa do Resto contra a Inglaterra: em Antuérpia e Estugarda.

Em suma: dois extraordinários jogadores de que o hóquei em patins lusitano pode justamente ufanar-se. E quer-nos parecer que tão cedo não aparecerá quem se lhes assemelhe...

JORGE MONTEIRO

R. E. X.

Rádio Eléctrica de Xabregas
AGENTE OFICIAL DE

Mediator
RÁDIO

Montagens completas de Luz, Rádio, e Força. Construção e reparação de amplificadores de som e aparelhagem de cinema

Secção de Perfumaria, com os melhores produtos nacionais e estrangeiros

Rua de Xabregas, 22 LISBOA

Amadorismo no Académico!

O importante clube do Lima, mal servido por alguns jogadores que recebem, está disposto a reagir. Para isso, porém, não decidiu comprar jogadores. Optará, segundo nos garantem, por um regime de puro amadorismo, dispensando das suas fileiras os elementos que recebem dinheiro. Para grandes males — grandes remédios...

Contam-nos que o clube alvinegro, dedicadíssimo a todas as modalidades do desporto, possui já valiosas adesões. Alguns elementos que disputaram os campeonatos universitários ingressaram no seu grupo amador, e ainda outros ofereceram já gratuitamente os seus serviços.

A ser assim, trata-se de uma curiosidade que merece ser conhecida. E louvada. O Académico tem as suas tradições muito honrosas, e verifico que lhe interessariam duas coisas: o amadorismo puro — ou o profissionalismo integral. Seduziu-o a primeira solução, e oxalá se dê bem com ela. Quem sabe se esta experiência pode levar a conclusões dignas de estudo?

na capital do NORTE

PONTO FINAL...

A velada tendência para o insulto e para a Mentira que presentemente se desenha em certo meio despertam-nos e faz-nos tomar a atitude que mais convém. O que se passa nas esferas clubistas, ou mais propriamente, no seio de uma agremiação importante, pode vir a ser muito grave, talvez gravíssimo, e antes queremos afastar-nos da fogueira que chamusca a torto e a direito pessoas desse mesmo clube, em benefício de muitos que nunca foram seus adeptos e hoje aparecem a chupar-lhe os úberes enfraquecidos.

A colectividade é e será sempre uma recordação preciosa na nossa Vida, mas parece ser de mau gosto, pelo menos de momento, contribuir para o seu progresso assente em coisas firmes e ideais. Parece não se justificar a luta que procura desfazer uma propaganda que não corresponde à Verdade. Essa luta é incompreendida, açoitada por alguns de processos ligados à sua conveniência pessoal, mas fazemos votos sinceros para que o «clube» não venha a sofrer com as inconveniências do caminho que lhe prepararam.

Vê-se que nem todos são precisos para elevar o prestígio clubista. Despede-se um soldado fiel ao regimento. Pois faça-se a vontade aos «civis» de uma casa que sempre foi defendida por verdadeiros e leais elementos. Pode ser que um dia volte o bom senso e se não façam as tolices que magoam e afastam. Nessa altura veremos quem são os «inimigos».

Até lá — «Ponto Final»!

RODRIGUES TELES

A direcção do F. C. do Porto demitiu-se!

A gerência actual do F. C. do Porto deve ter apresentado nesta altura o seu pedido de demissão ao vice-presidente da Assembleia Geral, dr. Aureliano Braga, visto o dr. Cesário Bonito ter abandonado o seu posto e não haver cedido a solicitações para ficar. O 2.º secretário da Direcção, por sua vez, já se havia demitido também.

Na última sexta-feira, após duas reuniões com o Conselho Fiscal, que commentou desfavoravelmente a obra directiva, embora tendo palavras de inteiro louvor para o vice-presidente da Direcção, engenheiro Mendonça, resolveram os gerentes do clube abandonar os seus cargos.

Não sabemos o que vai seguir-se. Desejamos apenas que o F. C. do Porto consiga vencer mais esta crise e ocupar o lugar a que tem incontestável direito.

A Pesca e os Clubes Portuenses

SERÁ de novo o Salgueiros a vítima? Segundo correu pelos jornais, alguém veio de clube importante e endinheirado procurar no velho e popular clube portuense um excelente jogador: — o defesa central Toninho. Claro que, para o ceder, terá o Salgueiros de ficar desfalcado seriamente, pois se trata de um elemento valioso, como já tivemos ocasião de apreciar.

Há anos, o Salgueiros recebeu um rude golpe nas suas aspirações, então vendo partir para Elvas elementos que muita falta lhe fizeram. Prepararam-lhe novamente? Sabe o Salgueiros, evidentemente, qual o caminho que mais lhe agrada seguir, mas julgamos que o clube precisa de voltar ao posto onde cimentou o seu prestígio, com inteira satisfação dos desportistas portuenses, adeptos e não adeptos.

Viu-se na época finda, por altura do campeonato nacional da 3.ª Divisão, que o clube encarnado contava com fiel massa de simpatizantes. O conjunto do Salgueiros foi acompanhado para todos os lados com entusiasmo quase febril, mas a vitória final não pôde corresponder aos seus anseios, às suas ambições justas. O trabalho de Alfredo Valadas, um treinador português de garra, não pôde luzir, mas no peito algarvieiro ficou firme a esperança de melhores dias.

Oxalá a realidade anime o clube de Augusto Lessa, e oxalá a futura época lhe não seja tão ingrata como a última, a despeito de bem se haver esforçado no sentido de subir como quer e merece.

* * *

A cidade, os clubes da cidade, devemos dizer, não ficarão livres de preocupações na próxima época. Calcula-se que nem todas as suas pedras mais valiosas fiquem onde estavam, e alguns «segundos planos» já abalarão — ou para terras, de África, ou para colectividades estranhas no burgo.

Enquanto as botas estão na prateleira ainda os dizeres aparecem carregados de fé. O pior será quando forem calçadas e as equipas evoluírem no terreno. Nessa altura pode ver-se que se perdeu e perde um tempo precioso à volta de esterelidades, com prejuízo grave e insustentável.

Agora mesmo nos dizem que irá para Coimbra um jogador muito conhecido, internacional de boa categoria. E assim: — do Porto, sairá gente. Para cá — ninguém os sabe atrair, embora isso se afirme muitas vezes. Falar por falar — já se sabe.

* * *

O Boavista, a despeito de muitos boatos que visavam os «internacionais» Serafim e Fernando Caiado, só deve apresentar-se desfalcado de Lourenço, que partiu recentemente para a África, na companhia de Francisco, defesa «reserva» do F. C. do Porto.

A gerência do simpático clube do Bessa mantense esforçadamente na defesa das suas tradições honrosas, e por certo se há-de bater com ânimo na época que se aproxima. O campeonato nacional da I Divisão é de muita responsabilidade para os clubes, em especial para os que fazem quanto é possível para se valorizar, e a direcção do Boavista não o esquece. Pode contar-se com ele. Esta experiência de ter desido à II Divisão deixou ficar as suas «marcas», mas o Boavista saiu-se com brio da prova a que foi submetido. Logo, — atenção à nova época!

Curiosidades ...

Confirma-se a notícia que demos no último número: Fernando Barbedo, desportista de boa categoria, será o director da 15.ª «Volta a Portugal» em bicicleta, que hoje principia no Estádio do Lima.

● Onofre Tavares anunciou o seu propósito de não correr nesta grande prova velocipédica. O pequeno corredor de Gulpilhares, em nosso entender, faz muito bem. A «Volta» não é prova talhada para ele, que sabe brilhar como poucos na pista. Entretanto, como «segundo plano» valoroso, deveria ainda assim ser útil à sua equipa.

● As provas velocipédicas da parquia Académico-Porto, efectuadas no Lima, tem dado prejuízo à organização. Louve-se todavia a tentativa.

● O admirável Ginásio Clube Português deve apresentar-se em Ovar, a fim de contribuir para a reconstrução da Ovarense. É pena que se não tente a sua visita ao Porto, onde tem muitos e incondicionais admiradores, no número dos quais temos muita honra em ser incluídos. Receberia também na capital do Norte justas homenagens pela passagem do seu 75.º ano.

● Está arrumada a transferência de Tininho, do Salgueiros, para o Sporting da Covilhã. Tratou Szabo (dos leões, da Serra) desta transferência, do ido ao jogador 30 contos e o popular clube portuense uma verba importante.

● O F. C. do Porto conquistou novo título nacional: o campeonato de basquete, da II Divisão. A briosa equipa dos manos Veigas, de Romero, de Pires, de Campos, de Tavares da Rocha e de outros nomes que valorizam o esforço desportivo do primeiro clube do Norte, recebeu uma memorável manifestação de apreço por parte da numerosa massa simpatizante do F. C. do Porto — e bem a justificou. A sua vitória sobre o Sporting foi bonita e convincente, pois apareceu ao cabo de uma luta ardorosa e muito correcta.

Os nossos sinceros parabéns pelo seu comportamento. Nem os vencidos deixaram de o reconhecer.

● O tenente-coronel Dário Tamagão será o delegado da Direcção Geral dos Desportos na 15.ª Volta a Portugal em bicicleta, que hoje principia a disputar-se no Estádio do Lima.

● Fala-se na inclusão de Mota, que jogava no Estoril, na equipa do Boavista.

● Também se diz que o jogador Gastão procura mudar-se para uma colectividade coimbrã.

● A hora em que escrevemos esta secção ainda não se sabe se concorrerá à «Volta» a Portugal uma equipa francesa.

● Deverá realizar-se uma assembleia geral da A. C. do Norte, a fim de resolver sobre uma percentagem que pretende na receita do Estádio do Lima, no dia da 1.ª etapa. O presidente da Associação, Eloi da Silva, opõe-se à «exigência».

MEDALHAS

Emblemas e prémios d'arte para todos os desportos. Envia catálogo

HELDER CUNHA

Fabricante

R. Corresiros, 140 - 4.º - Tel. 21124 LISBOA

BENFICA EM MOÇAMBIQUE E ANGOLA



Seguiu ontem, pela manhã, de comboio, para Lourenço Marques, a primeira categoria de futebol do Benfica que realizará em Moçambique, Angola e outros locais uma série de encontros. A despedida foi afectuosa e entusiástica. A excursão deve durar cerca de 40 dias. «Stadium» faz votos por uma boa viagem. Publicamos, seguida a esta, a fotografia de todos os jogadores que se deslocam, faltando apenas Rógerio. Sentados, da esquerda para a direita — Hugo (massagista), Corona, Arsenio, Júlio, Teixeira, Gil, Rodrigo e Pascoal. De pé: Calado, Moreira, Jacinto, Félix, Contreiras, Bastos, António Manuel, Xico Ferreira (capitão), Clemente, Fernandes e Ted Smith (treinador).



O DR. PAIS DA SILVA da ASSOCIAÇÃO ACADEMICA morreu subitamente

Foi uma notícia brutal que nos chegou, deixando-nos esmagados! Pais da Silva, formado em Direito, desportista de gema, devotado do coração à Associação Académica de Coimbra, nobre carácter, belo companheiro, amigo dedicado, faleceu repentinamente. Morrerá na verdade um homem, modelo dos amigos, que toda a vida recordaremos com fúndia saudade, ainda nos parecendo mentira a brutalidade do Destino. Era novo, inteligente e bom. Paz à sua alma!



Campeonato de Voleibol no Porto

A equipa do Leixões Sport Clube, que ganhou o Campeonato do Norte, batendo o Sporting de Espinho na final.

O GINÁSIO em excursão ao Norte do País



O Ginásio Clube Português, correspondendo a várias solicitações, organizou uma excursão ao norte do País dos seus melhores ginastas e atletas que estão a exhibir-se com êxito em ginástica educativa, rítmica e olímpica, luta, esgrima, pesos e alters.

INAUGURAÇÃO DO BAR-ESPLANADA VALVERDE NA COSTA DA CAPARICA



NATAÇÃO NO PORTO



Os concorrentes às provas de abertura da Associação do Norte

Na Costa da Caparica, em frente da Quinta de Santo António, foi inaugurado pelo presidente da M. de Alameda, sr. comandante Sá Linares, o bar-esplanada «Valverde», que é uma maravilha de bom gosto e elegância, e será certamente o ponto de reunião obrigatório das famílias distintas que vivem ou passam o Verão na Costa da Caparica.

O sr. Francisco Penetra Rodrigues

define a orientação clubista em matéria de «transação de jogadores»

SUA Excelência o Boato está na ordem do dia. É esta a sua época de proliferação, multiplicando-se com uma rapidez fantástica em todos os «cafés» em que o tema da «bola» venha à baila. É uma epidemia!

As «novidades» cruzam-se de boca em boca. Quase sempre destituídas de qualquer fundamento, é certo, mas sempre cheias de atractivos.

Há quem garanta que Patalino virá finalmente para o Benfica; que Ben David voa para Madrid; que o treinador Areso pensa deixar o Atlético; que o Oriental vai reforçar-se com certos elementos estranhos para melhor garantir o êxito da sua estreia na Divisão de Honra.

Enfim, um sem mais acabar de «novidades» de sensação de ficarmos de cara à banda, como se disser-se.

Ora, um dia destes puzemo-nos em campo, numa tentativa de esclarecer uns certos boatos. Mas os segredos — se os há — estão bem guardados. As perguntas são habilmente torneadas.

Tentámos primeiro a via telefónica. Começámos por um clube extraordinariamente simpático e popular: o Oriental. À frente dos destinos da popular colectividade do Poço do Bispo, está de novo um homem cujo nome é sobejamente conhecido no meio desportivo: Francisco Penetra Rodrigues.

Fala Penetra Rodrigues

O presidente do Clube Oriental de Lisboa atendeu-nos com a sua costumada amabilidade.

— O Oriental prosperará na sua política de não transaccionar jogadores? — foi a primeira interrogação que formámos.

Do outro lado do fio, a voz de

Penetra Rodrigues corrigiu: — O Oriental continuará a não comprar nem vender jogadores. Poderá, sim, firmar acordos, permutando jogadores, mas não haverá nunca operações monetárias.

— Mas fala-se insistentemente em que o Oriental procura reforçar-se com elementos do «Elvas» e do «Estoril»!... — dissemos.

— É redondamente falso. — garantiu-nos o dirigente «orientalista». — É um boato sem qualquer fundamento.

Sem recear falsas interpretações, perguntámos-lhe a seguir:

— Acha que, com os elementos de que dispõe presentemente, o Oriental poderá fixar-se na Primeira Divisão?

— Não posso esperar outra coisa! — foi a resposta. — Tenho confiança na equipa.

— E diga-me, Penetra Rodrigues, está satisfeito com as actividades do Oriental na última época?

— Absolutamente. E não só no futebol. Em ténis de mesa conquistámos o título de campeões de Lisboa em 1.ª e 4.ª categorias; em andebol, somos também campeões regionais e nacionais na categoria de juniores. E praticamos ainda basquetebol, óquei em campo, natação, ciclismo e tico-turismo, campismo e vela. O nosso último triunfo foi obtido nesta modalidade náutica, pois na prova Lisboa-Sesimbra, o nosso barco «Nuria» classificou-se em 1.º lugar.

Como vê, dentro das nossas modestas possibilidades, tenho razão para estar satisfeito.

— Modestas? Parece-me que já não se pode falar em modestia quando se trata do Oriental! — atalhamos, sem lisonja.

— Não, somos modestos. Mesmo quando formos os melhores do mundo, continuaremos a ser modestos! — comentou. Terminámos a seguir:

— Concorda em não termos ido ao Brasil?

— Penso que foram acertadas as decisões oficiais.

Agradecemos, e desligámos. No instante seguinte marcámos outra número. Ligámos para o Atlético.

— O sr. Areso está em Espanha! foi a resposta que obtivemos, quando perguntámos pelo treinador da equipa alcantarense. — E o sr. Jaime Franco? — indagámos de seguida.

Estávamos em maré de azar. Que estava em Belém, assistindo ao acto de posse da nova Direcção do Belenenses.

Nova tentativa. Desta vez para o «Puchero» do Chico Ferreira. Novo desgosto. Tinha ido ao Porto. Mas no fundo sempre havíamos aproveitado alguma coisa.

VASCO C. SANTOS



A cerimónia do lançamento à água de 4 novos barcos de regata

O VALOR DA SECÇÃO NAUTICA do CLUBE ORIENTAL DE LISBOA

A construção de um posto nautico junto da nova doca do Poço do Bispo, eis uma grande aspiração clubista

○ Clube Oriental de Lisboa, que é já hoje um valor positivo do desporto nacional, mantém em actividade várias secções desportivas numa legítima ambição de produzir mais e melhor. Entre as várias secções às quais a Direcção dedica o maior carinho, conta-se a secção náutica, e não será ousado afirmar que é depois do futebol aquela de que mais se orgulham os orientalistas. A fim de elucidarmos os nossos leitores das actividades náuticas, no C. O. L., procurámos o sr. José Pedro Barreno, o grande impulsor destes desportos no Poço do Bispo, que amavelmente se pôs à nossa disposição.

— Diga-nos, José Pedro, como se tem manifestado a actividade do C. O. L., nos desportos náuticos?

— A actividade do C. O. L., está bem patente através das provas a que tem concorrido, pois temos tomado parte em todas as regatas do calendário da Federação nas seguintes classes: pequenos cruzeiros, vougas, snipes, moths e botes de espicha. E com certo orgulho acrescenta: Temos obtido boas classificações, e isso significa alguma coisa.

— Certamente, atalhamos, o trabalho já feito não satisfaz as aspirações do clube e dos seus praticantes...

— Sem dúvida. A nossa ânsia de progresso e de fazer melhor é legítima. Mas a nossa secção conta já com 20 embarcações e 60 praticantes, e pretende obter das autoridades, — é nosso absoluto convencimento que não nos será negada a concessão de construir um posto náutico junto da nova doca do Poço do Bispo, onde possamos fazer um trabalho mais em profundidade. Actualmente, temos cursos de marinharia e tática de regata em funcionamento na sede, com bastante frequência e bom aproveitamento geral.

Há então bastante entusiasmo, fomos a perguntar, mas o «Zé Pedro», como aqui é conhecido, quase adivinha o nosso pensa-

mento. É verdade, há um entusiasmo comunicativo entre todos os orientalistas. Basta dizer que temos em construção quatro meios cruzeiros, de planos americanos. E ao ver a nossa incredulidade, voltou a sorrir e convidou-nos a ver. Ver para crer. E é que vimos mesmo.

Já junto do «Alcino» o que se encontra mais adiantado, não



«Nuria», pequeno - cruzeiro 2.º classificado na regata Lisboa-Sesimbra-Lisboa

esconde a sua satisfação e diz-nos:

— Pena é que não tenhamos mais espaço, pois em acabando estes, já temos mais 4 snipes para construir e pedidos vários para a construção de novas unidades.

Estava terminada a nossa missão e satisfeita a curiosidade.

Zé Pedro, uma dedicação do Oriental, está a realizar uma grande e bela obra.

ANTÓNIO CABRAL

Antunes, Pina, L. da
O Baraleiro de Xabregas
Sêdes, lãs, Algodões, Melhas e Retozario
Secção de Sapataria. Calçado de luxo para homem, senhora e criança
Rua de Xabregas, 42-B
Telefone 39 277 LISBOA

Orlando da Costa e Silva, L. da
Lenhas, Madeiras e Aduelas
Armazém e Serraçoão
Mercado do Pinho Telef. 39 362
POÇO DO BISPO LISBOA

TELEFONE 39-161

Vieira Borges & Boa Alma, L.da

VINHOS E SEUS DERIVADOS

Escritório e Armazens

RUA CAPITÃO LEITÃO, 86
LISBOA

Bouzó, Martinez & C.º

ARMAZENS DE VINHOS E SEUS DERIVADOS

Rua Capitão Leitão, 80

Telefone 39-247

LISBOA

FERNANDO ANTÓNIO D'OLIVEIRA, L.DA

(Antiga casa JOSÉ VICENTE D'OLIVEIRA & C.º FILHO)

Fundada em 1876

LENHAS: rijas, de pinho, inteiras, serradas
e rachadas em todas as dimensões

RAMAS DE PINHO

Armazém e Escritório

Rua Cintura do Porto — Doca do Poço do Bispo

Telefone 39-156

LISBOA

MERCADO DO PINHO

Doca do poço do Bispo
Telef. 39 280 — LISBOA

Manuel Bernardo Valente & C.º

FORNECEDORES DE:

LENHAS de pinho e rijas, inteiras, serradas e rachadas
RAMA DE PINHO

TANOARIA

Poço do Bispo

Amaral & C.º, L.º

Rua Vale Formoso de Cima, 144 — Telefone 39 291

LISBOA

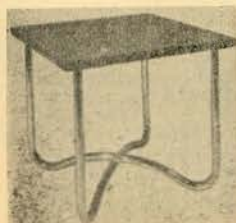
GOUVEIA & GOUVEIAS, L.º

Fábrica de cortiças em prancha,
quadros e rolhas e cortiça Virgem

Rua Vale Formoso de Cima, 21 a 45

Telefone 39-028

LISBOA



METALMOVEIS, L.º

Mobiliário metálico para Clínicas,
Escritórios, Escolas, Esplanadas

FÁBRICA

Rua Gualdim Pais, M. V.

XABREGAS

Metalmóveis, L.da

SECÇÕES de:

Fundição de Metais, Serralharia Civil e Mecânica, Galvanoplastia,
Marcenaria e Carpintaria

Execução Rápida — Preço Médio — (Orçamentos Grátis)

Rua Gualdim Pais, M. V. (Xabregas)

LISBOA

A. Gonçalves & Silva, L.da

Centro Comercial de Marvila

Mercearias e Vinhos. O melhor e o mais completo sortido de géneros
de 1.ª qualidade aos melhores preços. Vinhos finos e de mesa. Azeites
e carnes fumadas recebidas directamente das melhores procedências.
60, Rua Pereira Henriques, 64 (Marvila) LISBOA

Serralharia Mecânica Fidelidade, L.da

Gerente Técnico: JOAQUIM VIÇOSO — Oficinas de reparações de
Camions, Camionetes, e Carros ligeiros — Especializados em carroce-
rias e reparações de molas — Recolha de carros — Fundição de Metais
— Secção Eléctrica —

17, Calçada do Grilo, 19 (Beato) — Telef. 39-282 — LISBOA



CAPSULAS COROA

Telef. 26528

AIRES MARQUES

Fábrica de capsulas em folha de Flandres
bom fabrico e boa qualidade

Residência e Escritório: RUA GUALDIM PAIS, 156, r/c Dt.
Oficina: ESTRADA DE CHELAS, 91

LISBOA

Alfaiataria «Oriental»

de ALFREDO TAVARES

FATOS PRONTOS A VESTIR E A FEITO

Fornecedor do pessoal dos Estabelecimentos Fabris
do Ministério da Guerra

Rua de Marvila, 45

LISBOA

José Gonçalves Morgado, L.da

Vinhos e derivados

Armazens:

Rua Amorim, 3, 5 e 7

PAREDES-ALENQUER

Escritório:

Rua Amorim, 5

Telefone 39024

ADEGA LAFÕES

DE

BERNARDINO ALMEIDA E SILVA

Vinhos recebidos directamente
Comidas, Tabaco, Cervejas e Refrescos

Rua Direita de Marvila, 33
(Poço do Bispo)

LISBOA

Estabelecimentos de Tecidos Superchique, L.da

FANQUEIROS E RETROSEIROS

Os Bareiros do Bairro Oriental, liquidam
a sua existência aos mais baixos preços.

Uma verdadeira revolução de preços em defesa do Público...

Sede: Rua do Grilo, 85 — Telefone 39827

Filial: R. Zólimo Pedroso, 17-19 — R. Val Formoso de Baixo, 86 — Telefone 89186
LISBOA

ESCOLA AUTOMOBILISTA

"ORIENTAL"

de MÁRIO e VIANA

Ensina senhoras e cavalheiros, com a máxima rapidez e seriedade

RUA TIMOR, 19, r/c

TELEFONE 44475

Local de estacionamento: GARAGEM ALMIRANTE REIS

Avenida Almirante Reis, 60-B

LISBOA

LATOARIA MECANICA

ORIENTAL

JESUS & GAMA, LIMITADA

R. Particular, n.º 4 (à Rua de Marvila)

LISBOA — PORTUGAL

Telefone 39325

Latas brancas e litografadas

ALFREDO BERNARDO

Compra e vende em pequenas e grandes quantidades, zinco chumbo em barra ou em sucata, ferro fundido ou laminado, metais de todas as qualidades, trapo de lã e de algodão e mais artigos

ESCRITORIO E ARMAZEM: Rua Afonso Anes Penedo, 54

SUCURSAL: Praça David Leandro da Silva, 27

POÇO DO BISPO Telefone 39 145 LISBOA

EMPRESA INDUSTRIAL DE MADEIRAS, L.^{DA}

CAIXOTARIA MECANICA

Fábrica de serração e Armazens de Madeira

Fábricas e Armazens: Lisboa, Pampilhosa do Botão, Cantanhede Farminhão, Torredeits, Pombal

Telefone: 39 020 Telegramas: Taboinha — Lisboa

Sede: Rua de Xabregas, 29-1.º LISBOA

António Inácio

CAMIONETES DE ALUGUER

Fornecedor de Pedra, Cal e Areia, Telha, Tejolo e Cimento
Rua do Açúcar, 95 — ao Poço do Bispo — Telef. 39 146 — LISBOA

ANTÓNIO DE JESUS

— COM —

OFICINA DE TANOARIA

Rua de Marvila, 119

Poço do Bispo LISBOA

FARMÁCIA PINTO

DIRECTOR TECNICO

J. ALMEIDA PINTO

Rua de Xabregas, 65 — Telefone 39-185 — LISBOA

TELEFONE 39-192

P. GANIGUER

Rolhas para Champagne em todos os tipos

Calçada do Grilo, 5 e 7 LISBOA

OFICINA DE AUTOMOVEIS

de URBANO & AMERICO

Torneiro, Serralheiro Mecânico e Soldadura a oxigénio em todos os metais — Carregamento de Baterias

Alameda do Beato, 23 — Telefones Provisórios 39-289 39-278 — LISBOA

LATOARIA DO POÇO DO BISPO

DE ANIBAL L. GAMA

Encarrega-se de canal zaçõs em chumbo e em ferro. Reparações em radiadores e outros trabalhos diversos

Rua do Açúcar, 23 LISBOA

A COMERCIAL CHELENSE

de FRANCISCO PATROCÍNIO DOS SANTOS

(Vulgo CASA DO SALOIO). Géneros alimentícios de 1.ª qualidade. Vinhos finos e de pasto recebidos directamente do lavrador. Carvoaria e retiro com jogos de Laranjinha

Sede: 100, Estrada de Chelas, 102 — Sucursal, Rua Gualdim Pais, 102-A

Telefone P. B. X. 25617 LISBOA

Israel da Silva Pilro

COMPRA E VENDE SUCATAS

Rua José Domingos Barreiro, S. P.

Poço do Bispo LISBOA

TANOARIA

DE CLAUDINO NUNES

ANTIGO ÁRBITRO DE FUTEBOL

Quinta do Leal à Rua Val Formoso de Cims, 21

Poço do Bispo LISBOA

MANUEL LOURENÇO RIBEIRO

Trabalhos mecânicos em madeiras, cabos, vassouras, escovas e pincéis

CALÇADA D. GASTÃO, 9 — Telefone 39 296 — LISBOA

Metalmóveis, Lda.

Mobiliário metálico
para
Clínicas, Escritórios,
Escolas, Esplanadas

FABRICA: Rua Gualdim Pais, M V
Xabregas LISBOA



Panificação Chelense, Lda.

SEDE — Estrada de Chelas, 87-89 — Telef. 27579

LISBOA

Panificação do Beato, Limitada

9, Alameda do Beato, 13 — Telefone 39 278

LISBOA

HAVANEZA DO POÇO DO BISPO CABRAL & IRMÃO, L.DA

Papelaria, Tabacaria e Perfumaria
Artigos Fotográficos, Cadernos e Livros escolares

R. Direita de Marvila, 3 (Poço do Bispo) LISBOA

Fábrica de Farinhas para Alimentação de Animais DE

A. R. de Figueiredo, Lda.

Rua Fernando Palha, 63 (Poço do Bispo) — Telef. 39-071

LISBOA

Alfaiataria Figueiredo

de

José de Figueiredo

Execução rápida e pelos últimos modelos,
a preços acessíveis

30, Rua do Grilo, 32 (Beato) LISBOA

CAMIONETES DE ALUGUER

HENRIQUE PEREIRA

Garage e Escritório

Rua Fraternidade Operária, H M R — Poço do Bispo — Telef. 39147

Os portugueses são os melhores em oquei

E «OQUEI» é a marca dos melhores
refrigerantes portugueses

Refrigerantes «Oquei»

Carenque (Queluz) — Em LISBOA — Telef. 26288 e 27790



OFICINA DE CALÇADO
DESPORTIVA DO BEATO

Daniel Teixeira

Calçado em todos os géneros
e botins alentejanos

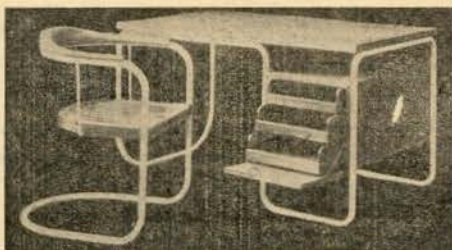
Todos os artigos para Desporto

Bolas de Foot Ball
marca Oriental «leined»

Telefone 39-298

LISBOA

Metalmóveis, Lda



Mobiliário metálico para clínicas, Escritórios, Escolas e Esplanadas

FÁBRICA

Rua Gualdim

Paiz, M. V.

XABREGAS

Adriano Pereira & Martins, Lda

Armazem de Vinhos para Consumo

ARMAZENS

Praça David Leandro da Silva, 24-26 — Telef. 39-137

Tele-gramas: Adritius POÇO DO BISPO — LISBOA

Telefone 32682

TRITURA, L.DA

TUDO PARA RAÇÕES DO GADO

Beco dos Toucinheiros, 12 (Xabregas) LISBOA

Américo dos Santos

CARPINTARIA

Artigos de Ménage

Beco dos Toucinheiros, 12 — Telefone 32-720 — Xabregas — LISBOA

FABRICAÇÃO DE PEÇAS

AUTO-FABRIL

de JOSÉ L. MOREIRA

OFICINA DE SERRALHARIA E TORNOS

REPARAÇÃO DE AUTOMÓVEIS, CAMIONS, MOTORES MARÍTIMOS, RECTIFICAÇÃO DE CILINDROS, ENCAMISAMENTOS, BROQUEAMENTOS, EM LINHA DE BRONZES DE APOIO E SOLDADURA ELÉCTRICA E OXIGÉNIO

Rua Pereira Henriques, 14 e 16 POÇO DO BISPO — LISBOA

VIÇOSO, MORATALLA & C.ª

GRAVADORES E ESMALTADORES

A melhor execução em trabalho de gravura e esmaltes em todos os géneros

OFICINAS:

Rua Pereira Henriques n.º 1

Largo do Contador-Mór, 3

SEDE E ESCRITÓRIO:

Rua de S. Julião, 72

Telefone 2 4935

LISBOA

BARREIRA DE TEMAS TAUROMÁQUICOS



Manuel dos Santos com o fato manchado de sangue e Pepin ensanguentado na arena, poderão acusar os efeitos das colhidas, mas o celuloide não lhes fez mal...

OS TOUREIROS E O CINEMA

O cinema começou a caçar no terreno tauromáquico com o primeiro filme extraído da novela «Sangue e Arena», de Blasco Ibañez, então com «Ale» nas cenas de toureiro. Quando os norte-americanos apresentaram em technicolor a segunda versão, luxuosa mas absurda, foram toureiros mexicanos os aproveitados, e com mexicanos se fizeram no México outros filmes, o último dos quais com Carlos Arruza agora em exibição em Espanha e brevemente em Portugal.

Mas os dois filmes tauromáquicos que mais êxito obtiveram entre nós foi o espanhol «Currito de la Cruz», em Portugal «Vida de um toureiro», e o português «Sol e Toiros».

Do primeiro foi protagonista Pepin Martin Vasquez, e do segundo Manuel dos Santos, ambos anunciados para Domingo, 23, na Póvoa do Varzim, aproveitando aquela empresa, para efeito de publicidade, a coincidência de reunir os dois toureiros-actores. Porque um e outro não se limitaram naqueles filmes a exibir as suas possibilidades profissionais, antes entraram em funções de actor, e ambos bem.

Manuel dos Santos discretamente, e Pepin Martin Vasquez com aquela humildade que Perez Lugin imprimiu à figura do seu protagonista.

Quem estas linhas escreve traduziu para português a novela de «Don Pio» que foi um «Gallista» tão entusiasta que «Currito de la Cruz» é, pelo carácter, o próprio Rafael «El Gallo».

«Currito» é um andaluz, um artista que toureia maravilhosamente ou desgraçadamente, segundo o seu estado de espírito.

Quando o move a esperança do amor da filha do velho toureiro Carmona, toureira melhor que ninguém; quando aquela foge com outro toureiro, «Currito» cai na desgraça. Mas, a esperança de a recuperar, leva-o novamente a tourear com tal graça que o seu nome fica esculpido em letras de ouro na história da tauromaquia, como o de Rafael «El Gallo».

Há quem atribua a «Currito de la Cruz», ao filme e à personagem, o desinteresse que Pepin manteve pelos touros durante a passada época, como há quem relacione alguns aspectos da vida de Manuel dos Santos com a do seu personagem.

A verdade está em que Pepin é dos toureiros mais castigados pelos touros, em colhidas graves e consecutivas, uma tão grave como aquela de Madrid de que publicamos fotografia em que se vê o seu dilecto companheiro «Manolete» levantando-o da arena onde caiu ensanguentado.

Foi também Manolete que chegou a trabalhar para um filme, quem o acompanhou ao Sanatório dos Toureiros, em Madrid, quando Pepin sofreu a rotura da fémural, com uma hemorragia que Camará havia de dizer depois ter sido maior do que aquela que, com a mesma causa, deu morte ao grande cordovês.

Também Manuel dos Santos sofreu rotura da fémural no México, e quando o levavam para a enfermaria em ombros e com a perna negra do sangue que corria em borbotões, o toureiro português sorria.

Os filmes não fazem mal aos toureiros, mas sim as colhidas, e ambos, o sevillano e o português, sofreram colhidas das mais graves.

Manuel dos Santos continua onde estava, e Pepin voltará a ser o que foi, um toureiro de 1.ª fila ao lado de Manolete.

Vão ambos encontrar-se na Póvoa do Varzim, e a coincidência, pelo paralelismo das colhidas, tem seu interesse.

ROGÉRIO PEREZ

PARA
A
HISTÓRIA

NO seu número de 15 do corrente o nosso colega «A Bola» inseriu, a propósito do aniversário do Sporting um artigo do sr. A. Ferreira onde se afirmava que as actuais camisolas listadas do equipamento sportinguista haviam sido pela primeira vez apresentadas em campo no encontro de futebol com o Casa Pia, em 6 de Novembro de 1927.

Seja-nos permitido, para a verdade da história rectificar esta informação, que é exacta quanto ao grupo de futebol dos «leões», mas não em absoluto, em referência a representações do Sporting em terreno de jogo. As camisolas listadas de verde e branco foram estreadas pelo grupo de «rugbi» do Sporting, em 19 de Dezembro de 1926, num encontro amigável com o Benfica, que terminou empatado a zero pontos. Alinharam pelo clube do Campo Grande, no seu antigo campo — hoje instalação dos benfiquistas — os seguintes jogadores: Manuel José, Salcedo, Torok, Luis Veiga Pinto e Salazar Carreira; Alberto Freitas e Jaime Ribeiro; Beaumont, Jaime Veiga Pinto, Laurent, A. Silva, G. Black, Holbeche, Ayala Boto e António Simões.

Como no grupo do Benfica alinhou o cap. António Cardoso, este encontro assinala-se ainda pela circunstância de nele terem participado os três actuais Inspectores da Direcção Geral dos Desportos.

Como é sabido, o equipamento inicial do Sporting comportava camiseta bi-partida verde e branca, incompatível com a prática do «rugbi», pelo que, desde o início da actividade do jogo no clube se substituíram por camisolas de malha. Foram todas brancas, as primeiras, com o emblema no peito, idênticas às que usavam os atletas. Em 1923 a equipa usou camisolas verdes com barra branca ao meio, substituídas em 1925 por outras inteiramente verdes, com um leão grande no peito, as quais também foram utilizadas pelos representantes no atletismo.

Por sugestão nossa e copiada de uma camisola listada azul e branco do Racing de Paris, que trouxeram de França e com a qual costumávamos treinar, mandaram-se fazer para a abertura da época de 1926-1927 novas camisolas, aquelas que depois, por decisão oficial do clube se generalizaram a todas as secções.

Note-se, por último, que os jogadores de «rugbi» sportinguistas usavam calções brancos e meias também listadas.

SALAZAR CARREIRA



A equipa de «rugbi» do Sporting que estreou as camisolas listadas.

No jogo de estreia das camisolas listadas, Salazar Carreira enfrenta António Cardoso, que alinhou pelo Benfica.



A 1.ª categoria de ténis de mesa do Monte Pedral: Francisco Oliveira, Carlos Fernandes e Feliciano Valentim

STADIUM

visita os clubes populares

O Futebol Clube
Monte Pedral

Comemora 13 anos de
existência e vai voltar
à prática de basquetebol e voleibol

Modestamente, dentro das suas possibilidades, mas agarrados com entusiasmo ao desejo de verem continuidade na iniciativa de há 13 anos, os actuais dirigentes do Futebol Clube Monte Pedral, estão dando à colectividade um aspecto de renovação que melhor a coloca na sua posição simpática de clube bairstista.

No bairro da Graça existem vários clubes desportivos, cada um

(Continua na página 23)

CICLISMO BOXE

A «Volta à França», popular e extensa corrida «ciclística», que ora decorre, ainda se mantém na fase cabriolaria.

Vencidas as seis tiradas iniciais (Paris - Metz-Liège - Lille - Ruão - Dinard - St. Briene) a posição dos favoritos como Gino Bartali, Kubler, Magni e outros parece de expectativa. O jovem luxemburguês Jeng Goldschmidt, vencedor do 1.º lance e desapaçoado da «camisola amarela» em Lille (3.ª etapa), voltou a vesti-la agora, mas a vantagem parece escassa demais para poder conservá-la. Os nomes mais em evidência, como os franceses Gauthier e Bobet, os belgas Blomme e Lambrecht, os italianos Magni e Bresci, disputam com o suíço Kubler e o luxemburguês Goldschmidt as posições principais.

Tudo leva a crer que o veterano Bartali só ataque nos Pirineus, entre Pau e Perpignan, onde os colos famosos de Aubisque, Tourmalet e Aspin lhe darão oportunidade de pôr à prova as suas qualidades apregoadas de escalador.

Todavia, se nessa tirada não puder distanciar-se dos companheiros ainda lhe ficam, entre Gap e St. Etienne, os importantes colos dos Vosges — Vars, D'Isard, Lautaret etc. — cuja ascensão e descida, geralmente entre nevoas, constitui uma dificuldade seríssima.

ESGRIMA

Um campeonato do Mundo, 6.º em regra, prova que exige nervos sólidos. Por tal motivo, os encontros de espada e sabre, individuais e por grupos, efectuados em Monte-Carlo, originaram algumas surpresas.

Vencedores no florete, os italianos perderam a prova de espada (individual) quando tudo parecia favorecer-lhes.

Os irmãos Mangiarotti raras vezes terão assaltado com mais segurança, todavia sucumbiram, no torneio decisivo em que participaram dois suecos (Carlsson e Forsell), um suíço (Rufenacht), um egípcio (Abdel-Rahman) um belga (Delannois), um francês (Guerin) e dois dinamarqueses (Luchow e Nielsen). A classificação definitiva atribuiu ao bizarro esgrimista Luchow, o primeiro posto, com 8 vitórias, seguido de Forsell e Dario Mangiarotti, com 5.

Na prova de sabre, por grupos, Portugal foi eliminado no torneio preparatório, batido pela Itália e pela Bélgica.

TENIS

Em Essen (Alemanha) o veterano Barão de Von Gramm bateu o australiano Jack Harper por 2/6, 6/1, 6/2 e 6/3.

Na final do Campeonato de Indianapolis, Herbert Flam venceu a competição individual masculina batendo Tony Trabert, por 6/3, 6/2, 6/4.

AUTOMOBILISMO

O grande piloto de viaturas automóveis Juan Manuel Fangio, conhecido uma Maseratti, conquistou o primeiro lugar no difícil circuito de Albi, batendo Ascari e Farina. O tempo realizado foi de 3 m. 6,7 seg. na melhor volta de pista.

O número de distâncias foi elevado e deveu-se a dificuldades de natureza mecânica. A média geral do tempo do vencedor atingiu 171 km. 320, superior ao recorde de Villorosi, registado em 1948.

Laurent Dauthuille, pugilista francês da categoria «médios», prossegue na sua marcha ascensional em busca do título outrora em poder de Cerdan.

Vencedor de La Motta, Bellotise e outros jogadores americanos de cartas, Dauthuille enfrentou ultimamente o costarriquense Tuzo Portugal, homem bem cotado mas um pouco decadente. A luta promovida em Montreal (Canadá), não passou do 3.º assalto. O francês, fazendo alarde do golpe poderoso despaço do adversário por Knockout.

● Ainda nos E. U. A., o jogador negro Beau Jack venceu Bobby Timpson por Knockout técnico, no 6.º assalto, na cidade de Atlanta.

● Tony Janiro obteve a decisão do árbitro por pontos, contra Solly Lewill, no ringue de Coney-Island, e o nosso compatriota Agostinho Guedes, descedo a encosta do êxito, perdeu com o campeão regional de New-England, «Tiger» Ted Lowry, por K-O técnico, no 6.º assalto, na cidade de New-Bedford.

Em S. Paulo (Brasil) o nosso campeão de «médios», Guilherme Martins, obteve um empate contra Oivaldo Silva, o «84», se bem que a vantagem do campeão pugilista brasileiro fosse grande.

● Na Europa, Livio Minelli perdeu o título de campeão europeu de «semi-médios», conquistado a Gil Roode (holandês) em 1949, perdendo com o veterano Micael Palermo. A vitória deste último foi obtida por pontos ao fim de 15 assaltos.

● Eduardo Lopez, actual detentor do diadema espanhol de «médios», dominou o marroquino Ben Buckler, recentemente curado de demência.

Em Inglaterra, disputaram o direito de reinar o campeão Bruce Woodcock, dois jovens pesos-pesados de alguma capacidade, Jack Gardner e Johnny Williams, ganhando o primeiro, por pontos, no final de 12 rounds.

NATAÇÃO

Em New-Haven (E. U. A.) uma equipa de nadadores composta de John Marshall, Donald Sheft, Wayne Moore e James Mac Lane, percorreu 4 x 200 metros em 3 m. 34,8 seg., estabelecendo um recorde universitário superior ao melhor tempo mundial absoluto.

O resultado, todavia, não poderá ser homologado porque Marshall é de nacionalidade australiana.

ATLETISMO

Os norte-americanos que viajam pela Europa continuam a demonstrar grande superioridade sobre todos os adversários, contra os quais se têm exibido.

● Em Trondheim (Noruega), Tyler ganhou os 200 metros, em 21,1 seg.; Brown, os 400, em 48 seg.; Newcombe os 1.500 m., em 3 m. 57,8 seg.; Mattos, o salto à vara, com 4 metros; Fuchs, o peso e o disco, com 17m.35 e 51m.38; Miller, o dardo, com 65m.21.

● Em Vaxjo, o sueco Per-Arne Berglund atingiu 72m.47 no lançamento do dardo, que é o melhor resultado europeu e mundial deste ano.

● A Alemanha está-se recompondo pouco a pouco e já é prolífica em bons tempos e distâncias. Na cidade de Dusseldorf, Geister correu 400 metros em 47,6 seg. e Warnemunde conseguiu 5 m. 27,2 seg. numa prova de 2 quilómetros.



NOTA DA SEMANA

TERMINADO, com êxito financeiro e desportivo, o campeonato do Mundo de futebol, ainda o eco desta grandiosa manifestação ressoa no espírito de muitos, servindo de tema para controvérsias.

A nota suprema foi a derrocada dos brasileiros, quando a certeza do triunfo parecia infalível. Depois, de tantas facécias bizarras — como a eliminação da Itália e da Inglaterra, o êxito dos norte-americanos, a falência espanhola, etc. — o caprichoso Destino quis demonstrar o poder da sua força imprevisível.

É curioso que os dois grupos finalistas, Uruguai e Brasil, fossem os mais beneficiados de todos os participantes. O primeiro, disputou a menos trabalhosa das eliminatórias; o segundo, para assegurar o êxito financeiro, permaneceu no Rio de Janeiro e não teve de viajar uma só vez.

A derrota do team de Flávio Costa, dolorosa para os nossos amigos de Além-Atlântico, surgiu como um prémio de justiça. O Uruguai, na disputa da Taça Rio Branco, merecera ganhar e revelar-se superior, no dizer dos próprios críticos brasileiros. No entanto, a sorte foi-lhe adversa. Claro, estas compensações apresentam-se menos aceitáveis, de facto, do que na aparência. O Brasil foi o mais brilhante de todos os conjuntos e sob este aspecto merecia ganhar.

A fórmula adoptada neste torneio de 1950 parece ter os dias contados e em 1954, na Suíça, outro sistema será provavelmente preferido, mas resta saber se o critério futuro pode obviar os inconvenientes de agora.

Alguns críticos europeus inclinam-se pelo processo a eliminar, uma vez que é mais rápido e tão sujeito a surpresas como o da Taça Jules Rimet.

A dificuldade da permanência, no país organizador, dos participantes sul-americanos, considerando as possibilidades económicas dos suíços, levará, igualmente, a reduzir a dois ou três o número desses concorrentes.

Eis o panorama do Campeonato do Mundo, analisado a quatro anos de intervalo mas de acordo com as previsões da lógica.



PODERÁ a Austrália conquistar, este ano, a Taça Davis? O êxito da parêlia australiana, composta de Sidwell e Sedgman ou Bromwich e A. Quist, apresenta-se já de maneira certa e os resultados de Wimbledon podem servir de base. Os rapazes de Harry Hopman têm uma forte probabilidade de se apoderarem da famosa saladeira, principalmente se os seleccionadores americanos privarem o team do concurso de Budge Patty e Ted Schroeder.

Patty, vencedor do torneio de Paris e do de Wimbledon, constitui a única chance possível dos Estados- Unidos. A experiência de longos anos demonstra que são necessários dois fortes tenistas para garantir as 3 vitórias indispensáveis.

Desde 1907 a 1911, a Austrália, graças à superioridade de Norman Brooks e Wilding, enfrentou a coligação inglesa e norte-americana; de 1920 a 1926, Tilden e Johnston dominaram os países rivais; a França, com Cochet, Lacoste e Borotra, manteve o cetro, entre 1927 e 1932, e a Inglaterra, de 1934 a 1937, com Fred Perry e B. Austin, seguiu-lhe as passadas.

A necessidade de 2 bons jogadores em desafios individuais parece indispensável para a conquista da Taça Davis mas, quando no jogo de pares, a vantagem é quase certa, então bastará apenas um e tal é o caso presente, com Sedgman e o grupo Bromwich-Quist.

Em resumo, nunca o equilíbrio foi mais evidente do que neste ano e as possibilidades australianas subiram de cotação extraordinariamente.

RAFAEL BARRADAS



Manuel C. Santos

Punção • Torneiro • Cromagem

Fabricante de:

CANDEIROS
LUSTRES
CANDELABROS
APLIQUES

Estrada de Chelas, 64 —
portas 1 e 3, a Xabregas

LISBOA

Telefone por chamadas 29653

FARMÁCIA DE MARVILA
D Direcção Técnica: A. M. CAEIRO
Farmaceutico

Especialidades farmacêuticas nacionais e estrangeiras

Rua Direita de Marvila, 25

LISBOA

«STADIUM»

visita os clubes populares

(Continuação da página 21)

fazendo sossegadamente a sua vida, sem se degladiarem, antes porém, ajudando-se mutuamente e colaborando uns com os outros a favor deste ou daquele. O F. C. Monte Pedral é um deles — pequenino mas acolhedor, um réz-do-chão com uma entrada independente, uma sala espaçosa com um bilhar e várias mesas para jogos, um «bar» ao fundo

REGULAMENTOS E INTERESSES

A Federação Portuguesa de Voleibol anda a braços com os regulamentos dos seus campeonatos nacionais, para cuja elaboração encontra dificuldades que lhe embarçam a pronta e necessária fórmula solucionatória.

O torneio da I Divisão, que parece assegurado à Associação do Funchal, esbarra na dificuldade de deslocação das equipas continentais, cujo número terá que ser reduzido por prévia competição eliminatória, como a lógica aconselha — que participem na prova final os melhores grupos, sem preocupação de regiões — ou por escolha arbitrária, para satisfação dos interesses das principais associações filiadas.

A Federação, nestas circunstâncias, deve decidir por si própria e de acordo com o princípio da verdade desportiva, sem consultas de que nada pode resultar praticamente.

Haja em vista o que sucedeu este ano, por causa da mesma insistência nas consultas, ao campeonato nacional de andebol.

A F. P. V. decidiu, e muito bem, organizar este ano em mais larga escala o campeonato da II Divisão, mas o regulamento que acaba de ser distribuído, parece-nos incompleto; não é indicado o local onde se realizará a «poule» final do torneio, ficando a entidade organizadora com liberdade de escolha, conforme seu melhor interesse. Muito bem; mas como se exige então que os clubes apurados nas eliminatórias tomem parte na final, sob pena de severas sanções, se não lhes é dado prévio conhecimento das condições e encargos que essa participação lhes pode acarretar?

A data de início dos campeonatos aproxima-se e é urgente esclarecer e determinar estes pontos regulamentares. A Federação tem autoridade para o fazer por si própria e as suas decisões serão acatadas por todos como manda a boa disciplina.

desse salão e um outro compartimento — a sala da direcção. Só isto, mas tudo muito cuidado e embelezado com reposteiros vermelho-branco (o clube é filial do F. C. Barreirense) e nas paredes, em conjunto com uma vitrina onde estão os trofeus do clube, galhardetes diversos de clubes de desporto.

Quando visitámos a sede, receberam-nos cinco directores, os srs. João Malheiro, José Baptista, Silvestre Mateus, Manuel Marques Pereira, José Machado e o actual presidente da assembleia geral, que apesar de pretender ficar no anonimato é justo destacar a sua dedicada acção no clube assim como a do presidente da direcção, que por acaso nessa noite não estava presente — o que é raro.

O clube festejou o seu aniversário, 13 anos percorridos no desejo de manter a sede como ponto de reunião ameno e de passatempo agradável entre gente do bairro e praticar o desporto. Neste aspecto tem sido ultimamente o ténis de mesa a modalidade mais em evidência, mantendo-se o clube na I Divisão de Lisboa.

Em tempos teve também o seu grupo de futebol, foi no team do Monte Pedral que se fizeram jogadores o Cerqueira, hoje no Vitória de Guimarães e o defesa esquerdo de «O Elvas», Oliveira. Mas o que ao princípio era agradável passou a ser um tormento e o grupo de futebol foi banido das actividades desportivas do F. C. Monte Real. Substituiu-o o basquete e o volei mas também estas modalidades afrouxaram há tempos um pouco a sua actividade. Momentos que passam por todos os clubes.

Presentemente vive-se dentro do Futebol Clube Monte Pedral ambiente de ressurgimento. Vão voltar à actividade o basquetebol e o voleibol que já desfrutaram de grande relevo e regressarão ao clube valores que andam dispersos.

Estão animosos os seus dirigentes, e ainda bem. Lutam, é claro, com as deficiências naturais que existem permanentemente nestes clubes baírristas, vivendo da sua cotização e das festas das suas sedes. É também assim no F. C. Monte Pedral onde há dedicações e amizades que é justo lembrar, como o presidente da direcção sr. Feliciano Pereira Valentim — um elemento imprescindível no clube — José Machado, Guilherme Neves, João Neves Melchades, Carlos Melchades, não esquecendo o dedicado atleta do clube Fernando Oliveira, grupo entusiasta que se mantém na vanguarda do movimento de renovação que passa pelo Monte Pedral, agora mais do que nunca desejo de subir firmemente na craveira do prestígio desportivo e de útil colectividade. Ainda bem que assim vai suceder, pois que este conjunto simpático, fica bem no contexto da vida laboriosa do populoso e garrido bairro da Graça.

FERNANDO SA

Stadium

E A VOLTA A PORTUGAL

«Stadium» distribuirá pelo País um Suplemento dedicado à Volta a Portugal em bicicleta, muito ilustrado, com dados interessantes sobre a grande competição, Mapas, Números e Artigos.

No próximo Número publicaremos uma larga reportagem gráfica da 15.ª Volta organizada pelo nosso prezado colega «Diário do Norte», que acompanharemos até final.

NATAÇÃO

FERNANDO ESTEVES MADEIRA

do Algés e Dafundo, brilhante vencedor da Travessia do Tejo

TERVE valor simbólico a Travessia do Tejo levada a efeito, no último domingo, pela Associação de Natação de Lisboa, entre as praias da Trafaria e de Algés. Representou, quanto a nós, o «ren-der da guarda» de duas gerações: uma que se encontra no seu ocaso e outra que despon- ta em toda a sua pujança.

Com efeito, esta vitória brilhantíssima de Fernando Madeira — o valoroso nadador que acaba de aposar-se dos recordes obsoletos dos 300 e dos 500 metros-livres — reveste-se de alto significado. E demonstra bem o valor da sua «forma» actual, Fernando Madeira — nadador ainda júnior — não se impôs a um adversário qualquer. Impôs-se a Baptista Pereira, o forte e valoroso nadador alhandrense que, desde 1938, detinha o ceptro em todas as provas de meio-fundo e fundo.

E esse facto, ou seja, a real valia do seu adversário, só valoriza o feito do jovem campeão do Algés e Dafundo.

Mas, se a proeza de Fernando Madeira é digna do melhor relevo e do mais rasgado elogio, não o é menos a de Eduardo Murta Barbeiro — um especialista de «costas» e «mariposas» — que na sua primeira travessia logrou vencer Jofre de Carvalho, outro forte e resistente nadador alhandrense, também com largo e brilhante historial em corridas de fundo. Como curiosa — pelo seu valor e, também, pelo que simboliza — a posição de Eurico Mendonça Perdigo, outro júnior que tocou a meta em Algés à frente de Manuel Pinhão e António de Carvalho.

Dentro dos primeiros dez, temos ainda a notar os nomes de Alfredo Filipe — o representante do Naval de Seabra que, uma vez mais, teve comportamento meritório — Oscar Cabral e Vitor Lopes, este o único representante do Estoril Praia.

Anotemos, agora, a sucessão

dos «tempos» que nos illicida quanto às diferenças registadas entre os melhores: Madeira (39m. 29s.); Baptista Pereira (39m. 46s.); Barbeiro (41m. 47s.); Jofre (42m. 08s.); Perdigo (42m. 23s.); Pinhão (43m. 02s.); A. Carvalho (43m. 15s.); A. Filipe (44m. 03s.); Oscar (46m. 25s.) e V. Lopes (48m. 53s.).

Fica bem uma palavra de louvor e incitamento às duas senhoras concorrentes: Lucilla da Silva Angeja (1h. 1m. 10s.) e Regina Denis Mendes (1h. 16m. 10s.).

Dos «veteranos», dada a desistência de António Pala, por mau rumo, apenas concluiu a prova o belenense Lutz Carlos Reis, em 1h. 6m. 45s.

Inscreram-se 54 nadadores. Faltaram à chamada 9, e desistiram 12. Completaram portanto 33 nadadores: 20 seniores, 10 júniores, 2 senhoras e um veterano.

Por equipas: Júniores — 1.º Algés e Dafundo (1+2+3)=6 pontos; 2.º Clube Naval de Lisboa (7+8+9)=24 pontos. O Algés conquistou a taça «Octávio dos Santos».

Seniores — 1.º Alhandra Sporting Clube (1+2+3)=6 pontos; 2.º Algés e Dafundo (6+8+9)=23 pontos; 3.º Naval de Seabra (5+11+16)=32 pontos; 4.º Belenenses (15+18+20)=53 pontos. O Alhandra ganhou o trofeu «Delfim Cunha».

OS CAMPEONATOS REGIONAIS PRINCIPIAM NO DOMINGO

Em virtude de ter ficado sem efeito a realização do «Dia Náutico de Vila Franca», a Associação de Natação resolveu antecipar para o próximo domingo a primeira jornada dos campeonatos regionais de natação e saltos, em princípio marcada para 13 de Agosto. O programa engloba apenas provas reservadas a nadadores infantis, iniciados e principiantes, de ambos os sexos, num total de 20 corridas. A inscrição encerra-se depois de amanhã.

ABREU TORRES

CLUBE ORIENTAL DE LISBOA

Que ascendeu à Primeira Divisão do Campeonato Nacional de Futebol



GRUPO DE HONRA DO ORIENTAL. No 1.º plano, da esquerda para a direita: Pina, Mário Vicente, França, Leitão e Almeida. No 2.º plano, da esquerda para a direita: Alberto Augusto (treinador), Morais, Eleutério, Alfredo, Izidoro (capitão), Vieira e Casimiro